

1862

Suppressão do lugar de Official Maior da Secretaria do Govêrno. (Lei de 24 de Março.)

COMPANHIA PERNAMBUCANA DE NAVEGAÇÃO

Autorisação ao Presidente para contractar, com esta emprêza, duas viagens mensaes ao porto de Aracajú, podendo dar até 6:000\$000 annaes de subvenção. (Lei de 3 de Abril.) (109)

PLANTA E ORÇAMENTO DE CANAES

Autorisação ao Presidente para mandar, por

Tal foi a preteugão da maioria conservadora, de fazer passar um requerimento indecente, propondo reformar o Regimento da casa, de modo a permittir funcionarem com menos de metade e mais um dos deputados, ferindo assim o art. 78 da Constituição do Império e o proprio Regimento nos seus arts. 1.^o e 2.^o.

Pretendia-se, por tal modo attentatório da moral e dos direitos de terceiros, nullificar os diplomas dos deputados eleitos pelo circulo de Propriá, ainda não reconhecidos, por falta das authenticas eleitoraes, que ainda não haviam chegado.

Contra semelhante tentativa de escândalo e estulto, protestaram, retirando-se do recinto das sessões, os deputados liberais Drs. João de Aguiar Telles de Menezes, José Ignacio de Barros Pimentel, João Paulo V. da Silva, Guilherme Rabello, Joaquim Sobral e Tenente Coronel Thomaz Plubeiro de Souza Costa, ficando, os 13 conservadores, representantes dos circulos do Aracajú e Estância.

A menoria então representou ao Presidente da Provincia, Dr. Manuel da Cunha Galvão, pedindo garantia aos direitos dos deputados do Norte, ameaçados por seus adversarios.

(109) O contracto foi assignado em 21 de Maio do mesmo anno, approvado pela Resolução provincial de 17 de Junho de 1863, que autorizou o Govêrno a despender mais 2:000\$000 para a Companhia teoar no porto de Biriba, da cidade de Estância. Por Lei de 16 de Julho de 1864 foi mandado rescindir o contracto firmado com a Companhia.

um Engenheiro hidráulico, levantar a planta e orçamento dos canaes projectados para communicar o rio de São Francisco com o Japaratinga, o Cotinguiba com o Vasa-barris, e éste com o rio Real. (Lei de 10 de Abril.)

1863

Tendo se reunido a Assembléa, na sessão d'este anno, apenas trez vêzes, sem nada fazer, deixando a Província sem leis de Orçamento e fixação de força para o exercicio de 1863 a 1864, o Presidente, Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves convocou a nova Assembléa, para 17 de Janeiro, reunindo-se a 18, sendo então votadas as necessárias leis, recebendo, por isto, elogios do Presidente.

Predominava nesta uma grande maioria liberal progressista, em quanto que a passada era conservadora, e faltou aos seus deveres, para fazer opposição ao Presidente.

1864

Elevação da Freguezia do Riachão á Villa.
(Lei de 13 de Maio.) (110)

INSPECÇÃO DO ALGODÃO

Creação dessa repartição em Propriá, ficando a cargo da mesma, a respectiva Agência Fiscal supprimida pela mesma Resolução. (Lei de 27 de Maio.)

(110) Revogada pela Resolução de 15 de Maio de 1865.

AÇUDES

Autorisação para a construção de 10 açudes na região sertaneja, sendo : 6 nos sertões de Pôrto da Fôlha, 2 no Município de Lagarto, e 2 no de Itabayana. (Lei de 27 de Maio.)

Creação da Freguezia da Parida. (Lei de 8 de Junho.) (111)

REFINAÇÃO E DESTILAÇÃO

Garantia de juros de 10 % até o capital de 200:000\$000 ao Engenheiro Pedro Pereira de Andrade, para montar em Aracajú uma refinação de assucar e destillação com os aparelhos conhecidos. (Lei de 10 de Junho.)

NAVEGAÇÃO FLUVIAL.

Autorisação para contractar por 20 annos com o dr. José Ignacio de Barros Pimentel, o serviço de navegação fluvial nos rios Sergipe e seus confluentes, a saber : entre a cidade de Aracajú e os portos de Maroim, Larangeiras e Trapiche das Pedras, mediante a subvenção de 10:000\$000, devendo ter dous vapores e barcas sufficientes para regularidade do serviço. (Lei de 17 de Junho.)

SEMINÁRIO DA BAHIA

Concessão da subvenção annual de.....
1:000\$000 ao Seminário da Bahia, com a obriga-

(111) Depois Villa do Arauá.

ção de receber annualmente um ordenando da Provincia, pobre, reconhecido por attestados das autoridades locais, e do Vigário Geral ou do respectivo Arcypreste. (Lei de 1.^o de Julho.)

Autorisação para despende a quantia de 10:000\$000 com a desobstrucção completa do rio Siriry, a cargo do proprietário José Paes Rollemberg. (Lei de 13 de Julho.)

Creacção da Freguezia do Soccorro. (Lei de 13 de Julho.) (112)

NAVEGAÇÃO DO POMONGA E JAPARATUBA

Autorização para contractar com o Comendador Antonio José da Silva Travassos, a navegação regular dos rios Japaratuba e Pomonga, obrigando-se o contractante a desobstruir o canal de communicacção entre ambos, cuidar de sua conservacção e da limpeza do Japaratuba. (Lei de 13 de Julho.) (113)

TACHIGRAPHIA

Licença por 6 mezes com vencimentos ao chefe de Secção da Thesouraria Provincial, Do-

(112) Erecta pela primeira vez em 25 de Setembro de 1718, pelo Arcebispo D. Sebastião Monteiro, e suppressa pela Lei de 28 de Março de 1857.

(113) Foi celebrado o contracto em 30 de Setembro do mesmo anno e reconellido por acto de 12 de Fevereiro de 1865, por falta de cumprimento das clausulas do contracto. A revisão foi autorisada pela Resol. provincial de 1.^o de Fevereiro de 1866, que revogou as de 13 de Junho de 1864 e de 7 de Abril de 1865.

mingos José da Silva Azevêdo, para estudar Ta-chigraphia fóra da Província. (Lei de 16 de Julho.)

ASSOCIAÇÃO SERGIPENSE

Autorisação para contractar com essa em-prêsa a venda das apolices que a Província pos-sua como accionista da mesma emprêsa. (Lei de 16 de Julho.)

INSTRUCCÃO SECUNDÁRIA

Creação, na Capital, das cadeiras seguintes de ensino secundario :

Francez, Inglez, Arithmética, Álgebra e Geometria, Geographia e História, Grammatica Philosophica e Analyse dos clássicos, Pedagogia, Instrucção religiosa, Calygraphia, Geometria plana, e noções de Systema métrico. (Lei de 20 de Julho.)

1865

GUERRA DO PARAGUAY

Concessão de 320 reis diários ás famílias das praças de pret do Córpo Policial que mar-charem para a guerra do Paraguay, desde a data do embarque do referido Córpo. (Lei de 25 de Abril.) (114)

(114) A Lei n. 725 de 1º de Maio do mesmo anno, fez extensiv. o mesmo favor ás famílias dos officiaes de policia, e ás praças de pret da guarda nacional, que houvessem de marchar voluntariamente.

CANAL DO POXIM E SANTA MARIA

Autorisação para contractar com o commandador Antonio Dias Coelho e Mello a abertura do canal do rio Poxim ao Santa Maria (Lei de 17 de Maio.)

FUNDIÇÃO A VAPOR

Autorisação para contractar com Horácio Hurpia ou quem mais vantagens offercesse, o estabelecimento de uma fundição a vapor, onde se fabricasse machinas a vapor para engenhos, moendas, caldeiras, rodas hydráulicas, e instrumentos agrícolas, bem como para garantir ao mesmo estabelecimento o juro de 8 % até a quantia de 100:000\$000, e dar o prêmio de 5.000\$000 offercidos na Lei de 8 de Maio de 1860, (Lei de 15 de Maio.)

NAVEGAÇÃO FLUVIAL

Declaração de que a navegação a vapor no rio Cotinguiba e seus afluentes seria feita exclusivamente pelo Dr. José Ignacio de Barros Pimentel, ou pela companhia que o mesmo organisasse, continuando a perceber a subvenção annual de 10:000\$000, com a obrigação de limpar os rios que houvessem de ser navegados, e dispensada de apresentar o segundo vapor, por espaço de um anno, ficando revogada nesta parte a Resol. n. 708 de 16 de Julho de 1864, que reduzia a subvenção a 5:000\$000, em quanto não tivesse o segundo vapor, que devia ser apresen-

tado até o último de Dezembro. (Lei de 16 de Maio.)

NAVEGAÇÃO A VAPOR NO RIO SÃO FRANCISCO

Autorisação para despender com esta navegação até a quantia de 4.000\$000 como subvenção. (Lei de 17 de Maio.) (115)

1866

Elevação da Villa de Propriá á cathegoria de cidade. (Lei de 21 de Fevereiro.)

LYCEU E INTERNATO DE SÃO CHRISTOVÃO

Creação dêsse instituto de ensino público secundário, com as seguintes cadeiras:

Latim, Francez, Inglez, Philosophia, Geometria, e Geographia e História, com o ordenado de 800\$000 cada uma, e gratificação de 400\$000, e extinção de todas as cadeiras de Latim, Francez, e Geometria existentes na Provincia. (Lei de 17 de Março.) (116)

(115) A Lei de 8 de Julho de 1858 já havia autorizado o Governo a auxiliar a mesma empresa projectada por Luiz Caetano da Silva Campos, negociante em Penedo, e João Francisco Fróes, negociante na Bahia. O contracto com Sergipe foi assignado em 25 de Junho de 1867, em vista da nova Lei, e inaugurada a navegação em 3 de Agosto do mesmo anno, tocando os vapores nos portos sergipenses de Propriá e Curral de Pedras, na ida e volta de Piranhas.

(116) Os Lentes formavam, por esta Lei, uma congregação regida por um regulamento especial, independente da Inspeção Geral das aulas.

POR LEI DE 22 DE MARÇO :

Extinção da Agência Fiscal de Santa Luzia, aposentado o respectivo Agente com ordenado correspondente ao tempo ;

Autorisação para que os assúcares fabricados no districto de Itaporanga fôsem despachados pela respectiva Agência, sendo, porém, manifestados pela Mesa de Rendas de São Christovão ;

Creação do Districto de Paz da Chapada, dentro dos limites de sua Subdelegacia.

1867

Não ha nada digno de menção na legislação dêsse anno.

1868

Elevação da Freguezia do Soccôrro á Villa, com os mesmos limites. (Lei de 24 de Março.)

Autorisação para construir o palacête da Assembléa Provincial. (Lei de 4 de Abril.)

INSTITUTO AGRÍCOLA

Subvenção de 10:000\$ annuaes ao *Imperial Instituto Agrícola Sergipense*. (Lei de 17 de Abril.)

Reunião das cadeiras de Latim e Francez da cidade da Estancia, regidas por um Professor, com 1:000\$000 de ordenado e 500\$000 de gratificação, sendo jubilado o Professor de Latim, Padre José Roberto de Oliveira, e devendo o

Governo dar o destino conveniente ao Professor de Francez, Raphael Archanjo de Moura Mattos. (Lei de 27 de Abril.)

ILLUMINAÇÃO PÚBLICA

Autorisação para o Governo despende até 15:000\$ com a compra de 100 lampeões de columnas e seus accessórios para os principaes pontos da Capital. (Lei de 27 de Abril.)

Denominação de - Arauá, á Freguezia da Parida. (Lei de 30 de Abril.)

1869

1870

Transferência das sédes da Freguezia e Município da Lagôa Vermelha para o povoado do Buquim. (Lei de 21 de Março.)

Elevação da Freguezia de Arauá á Villa. (Lei de 9 de Abril.)

Transferência das sédes da Freguezia e Villa do Espirito Santo para o povoado de Campinhos. (Lei de 8 de Abril.) (117)

SUBSÍDIO DOS DEPUTADOS

Decretação do subsídio diário, de 88000, e

(117) Revog. pela Resol. de 24 de Abril de 1879.

2\$500 de ajuda de custo por legua de ida e volta, para o biénio de 1872 a 1873. (Lei de 2 de Maio.)

LIBERTAÇÃO DE ESCRAVOS

Decretação da verba de 6:000\$ annuaes, para libertação de escravos, deduzida dos
10:000\$ votados para subvenção ao Instituto Agrícola (Lei de 2 de Maio.)

GUERRA DO PARAGUAY

Autorisação para *fazer a despesa necessária com festejos quando chegasse á Capital (de volta da guerra) a ala do Batalhão de voluntários da Província, commandada pelo bravo Major Leopólido do Amaral. (Lei de 9 de Maio). (118)

ESTRADA DE RODAGEM

Autorisação para contractar a construção de uma estrada da rodagem de Lorangeiras a Itabayana. (Lei de 9 de Maio.)

ILLUMINAÇÃO PÚBLICA

Autorisação para contractar a substituição da illuminação pública a kerozene pelo gaz carbónico, elevando o número de lampeões a mais 50, sendo necessário, distribuindo os lampeões substituidos, pelas cidades da Estancia, Lorangeiras,

(118) A Lei de 20 de Abril de 1868, n.º 797, autorisara a gastar 2.000\$000 com festejos quando chegasse a *finis* *guerre* da terminação da guerra, já esperada.

São Christovão, Propriá e Villa da Capella (Lei de 9 de Maio.)

ABASTECIMENTO D'AGUA.

Approvação da canallização d'agua do rio Pitanga, para abastecimento d'agua á Capital, feito pelo Vice-Presidente em exercicio Dr. Dionisio Rodrigues Dantas com o Vice-Consul Portuguez Horácio Hurpia em 14 de Novembro de 1869. (Lei de 9 de Maio.) (119)

1871

ESGOTO DA CADEIA

Approvação do contracto com Joaquim José Alves Guimarães para a construcção do cano de esgoto da cadeia para o Cotinguiba. (Lei de 5 de Maio.)

COMÍCIO AGRÍCOLA SERGIPENSE

Subvenção de 4:000\$000 annuaes á sociedade — Comício Agrícola Sergipense para auxiliá-lo no cumprimento do § 2.º parte 5ª e § 3º do art. 4º de seus estatutos. (Lei de 8 de Maio.)

(119) Renovado em 1871, por Lei de 5 de Maio. O contracto de 1869, foi em virtude da Lei de 12 de Julho de 1858. Por Lei de 17 de Maio de 1865, foi o Governo autorizado a celebrar novo contracto com o mesmo Horácio Hurpia e canallização d'agua potavel do Pitanga, mediante a subvenção de 50.000\$000 pagaveis em prestações annuaes de 5.000\$000.

POÇO INSTANTÂNEO

Autorisação para «contractar com o Engenheiro civil Gustavo Adólpho Wurffbain a introdução de poços tubulares instantâneos», sendo-lhe conferido privilégio por 15 annos, tendo para isto uma subvenção *razoavel*, paga de uma só vez, ficando com a propriedade dos poços, que abrisse nos lugares que o Presidente designasse, podendo a final vendel-os ás Camaras municipaes. (Lei de 9 de Maio.)

1872

Elevação da povoação do Cemitério á Freguezia com a denominação de Aquidaban. (Lei de 11 de Abril.)

ESTRADA DE FERRO

Privilégio, por 60 annos, a Campos, Cameron, e Cia., para estabelecer uma estrada de ferro do porto de Japarutuba á Capella de N. S. das Dôres. (Lei de 6 de Maio.) (120)

FÁBRICA DE TECIDOS

Privilégio, por 20 annos, a Manuel Antonio Conceição Junior e Antonio Agostinho Ribeiro Guimarães, para uma fábrica de tecidos de algodão na Provincia. (Lei de 6 de Maio.)

(120) Primeira tentativa de estrada de ferro na Provincia, De rogada pela Resol. de 2 de Abril de 1875.

TELÉGRAPHO

Resolução n. 951 de 8 de Maio :

« Art. 17. Fica o Governo da Provincia autorisado :

§ 1.^o A concorrer com a quantia annual de 5.000\$000 durante 3 annos, para a linha telegraphica do norte do Imperio, derogada assim a Resolução n. 911 de 5 de Maio de 1871. (121)

1873

FÁBRICA DE SABÃO

Concessão, desde logo, á firma social Antonio Proferino & Cia. a extencção a toda a Provincia, do privilégio concedido pela Lei provincial n. 897 de 1.^o de Abril de 1871 a Antonio Propherino de Mattos Lima, obrigando-se a fundar, por si, ou por sociedade que organizar, uma fabrica de sabão em Aracajú dentro do prazo de 4 annos. (Lei de 25 de Abril.)

1874

Elevação da Freguezia do Pé do Banto á Villa, com a denominação de Siriry. (Lei de 26 de Março.)

Elevação da Freguezia de Riachuelo á Villa, (Lei de 31 de Março.)

(121) Por esta Resol. o Governo daria um auxilio de..... 30:000\$000 para as despêsas da construcção e montagem da linha.

criação das Comarcas do Rio Real e de São Cristovão. (Lei de 25 de Abril.)

ASYLO DE ORPHANS DESVALLIDAS

Autorisação para criação deste estabelecimento em Aracajú, na administração do Dr. Antonio dos Passos Miranda. (Lei de 2 de Maio.) (122)

Elevação da Freguezia de Pacatuba á Villa. (Lei de 2 de Maio.)

CAES DA ESTANCIA

Autorisação para mandar orçar o restante das obras do caes, do porto da Estancia, votando para isto a quantia que fôsse necessária, feito o serviço por arrematação. (Lei de 8 de Maio.) (123)

MERCADO DE SIMÃO DIAS

Approvação das bases offercidas pelo Capitão José Marçal de Araujo Andrade, para construcção de uma casa de Mercado em Simão Dias. (Lei de 8 de Maio.)

(122) Posta em execução e regulamentada pelo mesmo Presidente em 8 de Julho do mesmo anno. Por Lei de 2 de Maio de 1876, foi decretada a subvenção annual de 4:000\$ para custeio do Asylo.

(123) Obras começadas em 1870, em virtude de Lei de 6 de Maio, que, para este fim, consignou uma verba de 8:000\$900. Por Lei de 2 de Maio de 1876, mandou-se dar mais 4:000\$000 para terminação das obras.

MERCADO DE LARANJEIRAS

Approvação das «bases offerceidas, accetadas e estipuladas entre o cidadão Francisco Melquiades de Siqueira e a Camara Municipal de Laranjeiras, para edificação de uma casa de mercado na mesma cidade. (Lei de 2 de Setembro.)

1875

Creação da Villa de Curral de Pedras desmembrada da da Ilha do Ouro. (Lei de 10 de Abril.)

Creação da Comarca de Japarutuba. (Lei de 17 de Abril.)

ILUMINAÇÃO E AGUA

Annulação do contracto para iluminação a gaz carbónico e abastecimento d'agua potavel á Capital, celebrado, em 11 de Dezembro de 1874, pelo Presidente da Provincia, com Vasconcellos e Borges, representados por seu proeurador Felino de Castro Mascarenhas. (Lei de 20 de Abril.)

Elevação do povoado Barra dos Coqueiros á Freguezia (Lei de 10 de Maio.)

Extinção da Agência Fiscal de Banjo Grande. (Lei de 11 de Maio.)

Annulação, desde logo, do acto presidencial que nomeou sem concurso os lentés das cadeiras de História e Geometria do Atheneu, e

mandou pôr as referidas cadeiras em concurso.
(Lei de 11 de Maio.) (*Nota especial*)

1876

CÔRPO DE POLÍCIA

Creação do Côrpo de Polícia da Província, composto de 4 companhias, e restauração da música de polícia do mesmo côrpo. (Lei de 26 de Março.)

Concessão, do direito a aposentadoria, aos officiaes de policia, por incapacidade phisica ou moral. (Lei de 26 de Março.)

NOTA ESPECIAL.—Esta Assembléa, primeira vez constituida por 20 bachareis entre os 24 membros que constituem a totalidade, unanimemente conservadora, não sendo fecunda em beneficios para a Província, foi talvez a mais tempestuosa de todas até então.

Obedecendo a orientação da então chamada,—politica dos coronéis, por chefarem o partido conservador tres altas patentes da Guarda Nacional, realmente influentes,—os coronéis Pedro, Barros, e Dantas, representantes de Larangeiras, Manoim, e Lagarto, a Assembléa pôz-se em franca opposição ao Presidente da Província, Dr. Antonio das Passos Miranda, negando-lhe pão e agua, na expressão vulgar.

Sendo 24 o número de deputados, 23 destes, o que quer dizer, a Assembléa em peso, composta de talentos e oradores dos principaes do partido conservador, obstruíram a mór parte da sessão com violentos ataques ao Presidente, sendo notavel a posição então assumida pelo deputado Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro, que, acompanhando seu pai, o Coronel Pedro, em divergencia com os seus companheiros, ficou só em campo defendendo o Presidente, dos ataques formidaveis da farsandência, o que fez até o fim da campanha, com grande brillantismo, conquistando o justo re nome de orador entre os mais fluentes d'aquella geração sergipana, cuja palavra convidava o público a ouvi-lo, afluindo diariamente a Assembléa para ouvir os debates formidaveis entre os contendores.

Suppressão do lugar de Engenheiro da Província (Lei de 2 de Maio.)

ASYLO DE ORPHANS DESVALIDAS

Autorisação para reformar o Regulamento orgânico d'este estabelecimento, de modo que só se despendesse 4:000\$000 annuaes com o seu custeio (Lei de 2 de Maio.)

1877

Elevação de Curral de Pedras á Villa (Lei de 15 de Março.)

Creação da Comarca de Gararú, comprehendendo o termo da Ilha do Ouro e o Município de Curral de Pedras. (124)

1878

Creação, em Laranjeiras, das cadeiras de Francez, Grammatica portugueza e Arithmética. (Lei de 11 de Abril) (125)

Suppressão da Freguezia do Gerú, passando o seu território para o de Itabayaninha (Lei de 12 de Abril.)

Creação da Freguezia da Chapada. (Lei de 12 de Abril.)

(124) A sede em Curral de Pedras.

(125) Reduzidas a duas—Latin e Francez, regidas por um só professor, por Lei de 31 de Março de 1879. Por Lei de 5 de Maio de 1880, substituída a de Latin por Arithmética, teñtida a de Francez.

1879

1880

Creação, no povoado de S. Paulo, de 2 cadeiras do ensino primário—uma para o masculino e outra para o feminino. (Resol. n. 1128 de 17 de Março.)

Derrogação da Resolução n. 1107 de 27 de Março de 1879, que alterou, na parte civil, os limites creados pelas leis anteriores. (Resol. n. 1130 de 18 de Março.)

Creação de cadeiras do ensino mixto nos povoados—Brejo Grande e Aroeiras (município de Villa Nova), Curralinho (Pôrto da Fôlha), Tamanduá e Amparo (Propriá), Collégio (Itaporanga), Rio Comprido (S. Christovão), Caeteté e Matta (Maroim), Sacco do Rio Real (Estancia), Mussuca (Larangeiras). (Resol. de 18 de Março.)

Restauração, com o caracter de pública, das cadeiras do sexo feminino dos povoados Santa Rosa, Carrapicho, Ilha dos Bois e Jabebery; e criação, no povoado Curral do Meio (Santo Amaro), de uma cadeira do sexo feminino; tambem restauradas como públicas, para o ensino mixto, a cadeira do povoado Umbaúba, e uma do povoado Gerú (Itabayaninha). (Resol. n. 1132 de 19 de Março.)

Restauração das cadeiras do sexo mascu

lino dos povoados Carrapicho, Ilha dos Bois e Santa Rosa, e creada uma no Curral do Meio. (Resol. n. 1136, de 19 de Abril.)

Creação de uma cadeira do ensino mixto em Pedra Molle. (Resol. n. 1139, de 15 de Abril.)

Elevação da villa do Lagarto á cathegoria de cidade. (Resol. n. 1140, de 20 de Abril.)

FÁBRICA DE TECIDOS

Concessão de privilégio por 30 annos, a Engenheiro José de Lima, para fundar na provincia uma fábrica de tecidos de algodão. (Resol. n. 1141 de 24 de Abril.)

O engenho Tôpo, do Município da Capella, passa a pertencer ao de Japarutuba. (Resol. n. 1146, de 27 de Abril.)

Transferência da séde da villa da Ilha do Ouro para o povoado Porto da Folha. (Resol. n. 1153, de 28 de Abril.)

Concessão aos professores públicos primarios, Francisco A. de Carvalho Lima Junior (de Villa-Nova), José Cupertino de Moraes (São Christovão), Felix Barretto de Vasconcellos (Santa Luzia), e Manuel Damazio Pereira Leite (Itabayantina), de licença de 7 annos para estudarem preparatórios e matricularem-se em qual quer dos cursos superiores do Império. (Resol. n.º 1156, de 30 de Abril.)

Creação das cadeiras de ensino primário do sexo masculino, dos povoados Lagoa Vermelha,

Samba, e Oiteiro, esta no Municipio de Maroim.
(Resol. n. 1158, de 1.º de Maio.)

Divisão—em duas—da freguezia de N. Sr.^a
de Guadalupe da cidade da Estancia. (Resol. n.º
1167, de 5 de Maio.)

1881

O Termo de Simão Dias passa para a Co-
marca do Lagarto. (Resol. n.º 1170, de 23 de
Março.)

MONTE-PIO DOS EMPREGADOS

Creação do Monte-Pio dos empregados pu-
blicos provinciaes. (Res. n.º 1173, de 31 de
Março.)

Creação da Comarca do Boquim, composta
do termo do Riachão e do Municipio da Villa de
Divina Pastora do Boquim, desmembrados da Co-
marca do Lagarto, e do termo de Arauá, des-
membrado do da Estancia. (Resol. n.º1180, de
30 de Abril.)

Por esta Lei, art. 2.º, se declara que «o Mu-
nicipio do Boquim, que será a sede da Comarca,
ficaria reunido ao termo do Arauá».

Approvação do acto do Governo, que sup-
primiu o logar de Official Maior da respectiva
Secretaria. (Resol. n.º 1182, de 6 de Maio).

Creação de uma cadeira de ensino mixto na
cidade do Lagarto. (Resol. n.º 1183, de 6 de
Maio).

MONTE-PIO DOS ARTISTAS

Concessão annual, de 400\$000 de subvenção á sociedade — Monte-Pio dos Artistas,—da Capital. (Resol. nº 1187, de 6 de Maio.)

Creação de cadeiras do ensino mixto, regidas por professoras, nos povoados Saúde (Município de Villa Nova), e Manilha ou Areia Branca. (Resol. nº 1188, de 6 de Maio)

Restauração da freguezia do Gerú, no Município de Itabayantina, e designação dos seus limites. (Resol. nº 1195, de 11 de Maio.)

Approvação do Compromisso da Confraria das Almas erecta em Villa-Nova. (Resol. nº 1199, de 12 de Maio.)

1882

Elevação da freguezia de Sant'Anna de Aquidaban á Cathegoria de Villa. (Resol. nº 1215, de 4 de Abril.)

Autorisação ao Presidente da Provincia para despendere a quantia de 7:000\$000 com a construção de um theatro na Capital. (Resol. nº 1218, de 24 de Abril.)

Creação do Cartório de Orphãos e Ausentes, na villa do Boquim. (Resol. nº 1220, de 24 de Abril.)

Creação de cadeiras do sexo masculino : de S. Pedro e Mucambo, na freguezia da Ilha do Ouro, Sítio Tanque, (em Lorangeiras), Gerú,

duas no Pôrto da Fôlha—uma de cada sexo, uma em Agua Bonita e uma no Sapé, termo de Itaporanga, e outras do ensino mixto nos povoados Malhada dos Bois, termo de Propriá, Cabrita, Passagem da Pedra Branca, Robalo (S. Christovão) Pedras (na Capella), Itaparaguá, Fazendinha, Taboleiro Largo (Siriry), Roque Mendes, (Riachuelo), Saccô do Bomfim, (Divina Pastora), Calumby (Soccôrro) Tanque Nôvo (Riachão), Santo Antonio, (Lagarto), Villa de Itabayana, Cajuciro, Gandú ou Serra Grande, (Itabaiana), Saccô do Rio Real, e Cumbe (N. Sr^a das Dóres). (Resol. n^o 1221, de 25 de Abril.)

Creação de uma cadeira do sexo masculino no povoado Estreito, (Município da Capella), e uma do ensino mixto, no Cangaleixo, subúrbio de Larangeiras. (Resol. n^o 1226, de 26 Abril.)

ESTRADA DE FERRO DE ARACAJÚ A SIMÃO DIAS.

Approvação do contracto de 30 de Janeiro com o Engenheiro Manuel de Mendonça Guimarães, concessionário da Estrada de ferro de Aracajú a Simão Dias, para a construcção de um ramal de Larangeiras á Capella, considerando caduca a lei de 2 de Abril de 1875, que approvou o contracto celebrado pelo Governo da Provincia com o Engenheiro Firmino Rodrigues Vieira e outros, em 24 de Dezembro de 1872. (Resol. n^o 1227, de 27 de Abril.) (126)

(126) Por Lei n. 957, de 3 de Abril de 1873, que não teve effeito, autorisava-se ao Pro^o para conceder a Associação

Autorisação á Presidencia para despendere 4:000\$000 como auxilio a fundação de um hospital na cidade do Lagarto, e egual quantia, para o mesmo fim, na cidade de Propriá. (Resol. n.º 1231, de 29 de Abril.)

Creação de cadeias do ensino primário mixto: uma no povoado Jaboatão, (Município de Pacatuba,) uma no Tamanduá (Capella), uma em Riachuelo, uma no Sacco do Ribeiro e uma no povoado Moita (Itabaiana) e uma no povoado Casa Caiada (Arauaá). (Resol. n.º 1232, de 1.º de Maio.)

Autorização ao Governo, para despendere 10:000\$000 com o retábulo da Matriz de Aracajú. (Resol. n.º 1233, de 1.º de Maio.)

Elevação da freguezia de S. Francisco de Assis da Chapada, á cathegoria de Villa, com a denominação de Villa-Christina (Resol. n.º 1234, de 3 de Maio.)

Creação da Comarca de Riachuelo, com-

Commercial, privilegio para uma estrada de ferro; entre a Capital e Larangeiras.

Do contracto da Dr. Firmino Vieira, faziam parte o Dr. Leandro Maciel, e Manoel de Sousa Campos, Director do Banco da Bahia.

Em 1875, posteriormente ao contracto Firmino Vieira, o Presidente, em 8 de Janeiro, contractou com Eugenio José de Lima, por privilegio, a estrada de ferro projectada, de Larangeiras a Simão Dias. Como anteriormente havia obtido privilegio para fazer a mesma construcção, ligando Aracajú a Larangeiras, foi afinal resolvido, pela Resol. n.º 1003 de 2 de Abril de 1875, de accordo com as partes, que os dois trapados formassem um só, partindo de Aracajú para Simão Dias, passando em Santo Antonio, Socorro, Larangeiras e Itabayana.

prehendendo o seu termo e o de Divina Pastora. (Resol. nº 1239, de 5 de Maio.)

Autorização ao Governo para despendar a quantia necessária com a desobstrução do rio Poxim. (Resol. nº 1242, de 6 de Maio.)

Desannexação do engenho Praia, do Município de Santo Amaro para o de Maroim (Resol. nº 1248, de 8 de Maio).

Autorização ao Governo para despendar 500\$000 com o Hospital da Capella, e 4:000\$000 com a construção do Asylo N. Sr^a da Purêza. (Resol. nº 1249, de 10 de Maio).

1883

NAVEGAÇÃO DIRECTA PARA A EUROPA

Autorização ao Governo para contractar com Eugenio José de Lima ou com quem maiores vantagens offercesse, a navegação directa a vapor, do porto de Aracajú para Liverpool, tocando em Lisboa, Havre e Antuérpia, *recebendo carga para Londres*, podendo, se conviesse ao contractante, escalar por outros portos, fazendo 12 viagens annuaes, durante 10 annos, mediante a subvenção annua de 40:000\$000. (Resol. nº 1260, de 12 de Abril.) Não teve effeito.

Concessão a Alberto Vaz de Carvalho, de privilégio, por 20 annos, para montar em Villa Nova ou em qualquer outro lugar da Provincia, uma fábrica para extracção de óleo de carço de algodão.

Transfêrencia para Canindé, da cadeira do arraial das Intans. (Resol. n.º 1274, de 10 de Maio.)

1884

Creação de cadeiras primárias do ensino mixto nos povoados Pitanga (termo de S. Christovão), Sacco Grande (N. Senhora das Dóres), Telha (Propriá), Miranda (Capella) e Terra Vermelha (Itabayana): e restauração da cadeira do sexo masculino do povoado Gerú, passando a do ensino mixto para o sexo feminino (Resol. n.º 1288, de 17 de Abril.)

Creação de cadeiras do ensino mixto nos povoados—Brejo e Boa-vista (termo do Lagarto), Serrão (Villa Nova), Jurema (Larangeiras, e Carahybás (Simão Dias.) (Res. n. 1289, de 21 de Abril.)

Pela mesma resolução foi restaurada a cadeira do Gandú, no termo de Itabaiana, e a do Escurial, termo de Curral de Pedras.

Transfêrencia para os municípios, respectivamente, de Santo Amaro, Rosário, e Lagarto, os engenhos Jacuruna, Unha do Gato e Moreira, desmembrados dos municípios (do Rosário,—os dous primeiros), e do Riachão. (Resol. n.º 1291, de 24 de Abril.)

Creação de cadeiras do ensino mixto: uma na cidade de Propriá, uma em Atalaia, (termo de São Christovão, na barra do Cotinguiba), e uma no povoado Pindoba, termo de Villa Nova.

Supressão das cadeiras do sexo masculino dos povoados—Barrôso (Município de São Christovão) e Cabrita, termo de Larangeira; conversão das cadeiras do sexo feminino do Sapé, e do povoado Barrôso, esta com sede em Bacupary (ambas no termo de Itaporanga), em ensino mixto, transferida a do sexo masculino d'aquelle povoado para o do Sacco. (Resol. nº 1293, de 25 de Abril.)

1885.

Não reuniu-se a Assembléa, nem um só dia, á falta de número.

1886

Autorisação ao Governo para contractar com quem maiores vantagens offerecêsse, despendendo até 40:000\$000, a abertura, canalisação e navegabilidade do rio Siriry. (Resol. nº 1702, de 30 de Março.)

Incorporação, ao termo de Larangeiras, do engenho Retiro; ao do Rosário, dos engenhos Macambira, Unha do Gato e Jacuruna; e ao do Riachão os engenhos Moreira e Paraná. (Resol. nº 1304 de 6 de Abril.)

Restauração do § 4º do art. 2º da Resolução nº 1109, de 31 de Março de 1879, que reduziu as cadeiras secundárias de latim e francez da cidade de Larangeiras. (Resol. nº 1314, de 20 de Abril.)

Creação da freguezia de S. Paulo, no povoado do mesmo nome, desmembrada da fre-

guesia de Itabayana, com determinação dos seus limites. (Resol. n.º 1323, de 29 de Abril.)

Transfêrencia dos engenhos Massapé e Pedrinhas, do Município de Riachuelo para o de Larangeiras; o engenho Tapuio, do Município de Propriá, para o da Capella. Declaração de ficar pertencendo também ao Município de Larangeiras, os engenhos Brejo, Boa Luz e Ribeira. (Resol. n.º 1324, de 29 de Abril.)

1887

Reunir-se alguns dias no 1.º mez, nada tendo feito, deixando de reunir-se em todo o 2.º mez, de 4 de Maio em diante.

1888

Mudança do nome da Villa de Curral de Pedras para Gararú. (Resol. n.º 1327, de 18 de Maio.)

Demarcação dos municípios do Rosário e Japarutuba, pela estrada que vai do povoado do Rancho, partindo do Riacho Joaquim Finto — para Japarutubá, até a estrada que segue para o sitio Patioba, e por esta até voltar para o engenho S. José, ficando pertencendo ao município do Rosário, não só o engenho Cambuly, como o de S. José. (Resol. n.º 1328, de 19 de Maio.)

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

Elevação das villas de Itabayana e Capella á cathegoria de cidade. (Resol. n.º 1331, de 28 de Agosto.)

Creação da Comarca de Villa Nova, desmembrada da de Propriá. (Resol. n.º 1332, de 28 de Agôsto.)

Transfêrencia do engenho Praia, do Município de Maroim para o de Santo Amaro, revogada a lei n. 1304, de 6 de Abril de 1886. (Resol. n. 1333, de 30 de Agôsto.)

Disposição sôbre a divisão dos municípios de Villa Nova a Pacatuba, pelo modo seguinte: pela parte de Léstê, entre os dous municípios, começará do pôrto da Carapitanga, rumo â direita á costa do mar, ficando a ilha do Funil e todas as outras que demoram ao Sul, pertencendo á freguezia e município de Pacatuba. (Resol. n. 1336, de 30 de Agôsto.)

(*Nota Final*) Omittimos nos presentes apontamentos, de 1835 em diante, os actos relativos ás creações de Capellarias, licenças (salvo uma ou outra), jubilações, aposentadorias, leis de fixação de força, e muitas autorisações sem valor para o fim, que nos propuzemos.

Quanto ao ensino primário, deliberamos á acompanhar o seu movimento de 1880 em diante.

De 1870 até a ultima legislatura do Império, completamente nulla, declinou progressivamente a importância do *Poder Legislativo em Sergipe*, cujo facto mais importante, durante tão grande periodo, pode se dizer que foi a criação do *Asylo de Nossa Senhora da Pureza*, para Orphãos desvalidas.

Desde então a politica, sem norte, absorveu toda a actividade intellectual dos homens representativos da Provincia, muitos delles de real valor, de modo a se tornarem completamente estereis ás sessões legislativas.

O contrario, entretanto, nota-se nos trabalhos legislativos iniciados com o antigo Conselho Geral de Provincia, apesar de reduzido o numero de seus membros e da estreiteza do meio e dos recursos economicos limitadissimos.

Todo o esforço patriótico e intellectual das assembleas provinciaes, limitava-se ás leis de meios : — orçamento e fixação de forças, a que eram obrigadas, concessões de licenças, aposentadorias e jubilações, autorisações de favores, approvação de orçamentos municipaes, creações, suppressões e transferências de cadeiras de instrucção primaria, algumas mal collocadas, e muitas aconselhadas pelo favoritismo, mas nenhuma idéa posta em prática em favor do desenvolvimento da Provincia.

FIM

Orçamento da Receita e Despesa

1835 a 1889

				OBSERVAÇÕES
1835 a	1836	25:375\$000	138:680\$000	
36 a	37	95:500\$000	124:214\$500	
37 a	38	105:100\$000	105:823\$500	
38 a	39	75:824\$000	129:861\$500	
39 u	40	141:713\$706	Prorogado
40 u	41	93:900\$000	117:782\$844	
41 u	42	143:102\$034	
42 u	43	124:690\$264	
43 a	44	111:734\$119	
44 a	45	151:890\$955	
45 a	46	165:490\$734	165:490\$734	
46 u	47	222:683\$246	
47 a	48	251:636\$853	
48 u	49	188:000\$000	187:887\$948	
49 u	50	187:686\$153	
50 u	51	215:000\$000	211:627\$122	
51 u	52	221:338\$802	
52 a	53	238:000\$000	238:192\$257	
53 u	54	
54 a	55	239:000\$808	239:000\$808	
55 a	56	246:049\$143	246:049\$143	
56 a	57	278:018\$030	278:018\$030	
57 a	58	342:980\$950	342:980\$856	
58 u	59	434:018\$581	
59 u	60	368:550\$968	
60 u	61	313:741\$660	
61 u	62	497:286\$091	
62 u	63	481:521\$000	481:521\$000	
63 u	64	349:540\$000	346:325\$997	
64 a	65	401:699\$761	391:592\$006	
65 a	66	509:353\$648	
66 a	67	517:736\$853	
67 a	68	493:359\$078	
68 u	69	550:300\$187	
69 u	70	Prorogado
70 u	71	610:447\$000	
71 u	72	508:819\$000	555:821\$943	
72 u	73	619:927\$920	
73 u	74	
74 a	75	697:753\$872	
75 u	76	650:000\$000	650:000\$000	
76 a	77	693:311\$781	

			OBSERVAÇÕES
1877 a 1878	744:4358949	744:4358949	
78 a 79	
79 a 80	610:6379333	588:4658521	
80 a 81	715:8548000	680:4958065	
81 a 82	671:2018000	616:1645560	
82 a 83	778:3738000	766:7908083	
83 a 84	723:6938000	721:8268072	
84 a 85	727:9638000	729:2118100	
85 a 86	
86 a 87	800:0008000	673:9648923	
87 a 88	
a 1889	(*)	1.º de Janeiro a 31 de Dezem- bro.



(*) Em 1885 a 1886—1886—1887 a 1888.—e 1889, a Assembléa não deu leis de meica. Nesse último anno, ou no anterior, o exercício financeiro passou a contar-se de 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro.



Francisco de Camerino

(O voluntario paysano)

Conferencia proferida pelo academico de
Direito Alberto Deodato, no Instituto
Historico e Geographico de Ser-
gipe, em 11 de Março de 1917

*Exmo. Sr. general presidente do Estado,
Exmo. Sr. Desembargador presidente do Insti-
tuto Historico e Geographico, minhas senho-
ras, meus senhores.*

Acostumados, vós, que estaes a ouvir a palavra de oradores fluentes, é natural estranheis nesta tribuna minha presença, para vos dizer a biographia de um heróe que merecia um outro biographo, capaz de ir buscá-lo ao Pantheon da Historia, afim de o fazer reviver vinte minutos neste recinto: as folhas de louro circumdando-lhe a fronte espaçosa, os pés sobre o estendal de rosas frescas e desabrochadas á tepidez perfumada das noites estrelladas de meio século passado após Curupaity.

Perdoae-me vós, minhas senhoras, que, com a romantica piedade de vossos olhos, me

fazeis lembrar a ternura e a bondade do olhar doce de minha mãe, si vão magoar a delicadeza madrigalesca das conchas nacaradas dos vossos ouvidos a falta de rythmo de minha prosa ; e vós, meus senhores, sêde para mim como foi o pallido filho da Galiléa para com os pobres de espirito.

*
* *

Estendei-me, agora, senhoras, as vossas mãos alvíssimas e transparentes como as petalás das rosas desmaiadas do Jerichó e vós, meus senhores, acompanhae-me pela alaméda soturna da phantasia, á exposição dos quadros vivos onde vos levarei : variadissimas télas polychromas, onde a vida sorri no pincel quente de um italiano e morre na imaginação nostálgica de um flamengo, fria, apagada de luz, como o céu loiro das terras glaciaes.

Daqui, iremos sentir a alma romanescã do Piapitinga, estorcicolando-se clara, esguia e preguiçosamente, esticando o corpo serpentino no leito alvo da areia, em baixo do mattagal umbroso, cantarolando uma cantiga triste de magua e de saudade, plagio inconsciente dos versos abandonados nas suas margens por Pedro de Calazans, que já resou uma vez :

«A' margem do Piapitinga
A Estancia bella está !
Lyrio, inculto, singelo,
Que, ainda sem desvelo,
Brilhando, crescerá...»

Para o sul, duas leguas mais, buscaremos o bosque florido, copado e aromoso do engenho

Palmeiras, onde as pataivas e os gaturamos desfilam nas gargantas christallinas um rosario azul de preces, perdidos dias longos nas ingazeiras em flôr, no balanço rythmado da viração.

Ahi, dominando uma paysagem soberba de tropico, enlaçado de samambaias, imponente, magestosa, engasta-se n'um comoro verde, serenamente branca, a casa erma, em abandono hoje, onde, a 21 de Agosto de 1841, numa tarde pallida, triste, vestida de linho velho, D. Jacinthia Clothides do Amor Divino, cumprindo pela quinta vez a gloriosa função da maternidade, deu á luz uma creança que se chamou Francisco.

Até á idade de nove annos, elle passa a vida feliz de quem tem mãe, um berço junto, uma irmã travessa e bôa e, em roda, a floresta gigantesca, onde as aroeiras, os jequetibás e as baraúnas têm a existencia dos seculos, fortes, enraigadas no solo, dominadoras do meio onde a bannilha e o gravatá rescendem, aromaticos, o halito tepido que embala os ninhos; o campo, almargens que se desdobram indefinidas, num desmaio verde de distancia; o rio, transparente e doce, collocando, serpentino, até á lagôa adormida sob o juncal, longe, bem longe, onde as azas polychromas das jassanans que se esfrolam ou pairam no ar, se assemelham a trapos, farrapos de seda, manto de santa queimado no Céu, lamina de ouro...

Aos 10 annos, é legitimado por seu pae, o conego Antonio Luiz de Azevedo, ex-vigario de Aracajú, e um dos maiores oradores sacros de seu tempo, seguindo para Estancia a estudar com o velho professor Florentino Telles de Me-

nezes, que começou a adubar o arbusto, donde desabrocharam essas flores, cujo perfume se tornará mais vivo em cada seculo.

Intelligente, vivo, adornado de um coração cheio de bellas virtudes, bebidas no cathecismo da immorredoura religião christã, Francisco de Camerino era o alvo mimoso das sympathias dos seus condiscipulos, naquella vida em commum, simples e bõa, sob a direcção de tão carinhoso mestre.

Até aos quatorze annos estuda ahí, onde faz o curso primario e elementos do secundario, tendo sempre em vista, como um doce ideal, «seguir a carreira de Promotor—como elle dizia—porque achava honito o jury.»

Mas — veio o prologo da vida que é a alvorada da Dôr — eu não tenho recursos — diz-lhe d. Jacintha com os olhos rasos d'agua — para te mandar educar... Talvez, na Bahia, meu filho, com o teu esforço proprio, consigas o teu ideal. Não te faltarão as benções que te lanço, as lagrimas que derramarei e as preces que darei ao Céo! Vae.

E, na contrição fervorosa do um abraço, com novellos de lagrimas a unil-os, Camerino, no dia 20 de Fevereiro de 1855, partiu para Bahia, deixando retratado sua alma na lympha dos olhos da mãe santa e um beijo preso á bocca de Sinhá : a doce estanciana de olhos pretos, doncretização de todos os seus ideiaes, phancasia que sonhára tantas vezes em posições romanticas e sublimes, alma desse sonho, vasto, longo, irrealizado, de um dia de noivado, ella, de branco, com as flores das redondezas as mãos

frias, os botões das laranjeiras nos cabellos loiros, a subir, no seu passo leve de garça, as escadarias toscas da igrejinha, os sinos a tocarem, velhinhos como desillusões, umas cantigas pobres de provincia! Contam que Camerino, ao despedir-se da noiva, lhe disse: — Não chora. Vou buscar um nome digno de ti.

Com quatorze annos de idade, apenas, separa-se do lar, para terra longinqua, vencendo a cavallo longos taboleiros adustos, sertanejos, onde o sol escaldante cresta as copas dos umbuzeiros, estorrica as plantas rasteiras da caatinga, tosta as macambiras e as juremas que resguardam os frescos gravatás. E dormindo noites frescas, tantas noites, em baixo dos marizellos dos sertões, recordou-se talvez, com os olhos voltados para o berço bendito, o coração preso de angustia indisivel, cruenta, da figura pallida e doce e bôa e santa, d'aquella mulher simples que lhe lançou uma bonção, que lhe fallou em pranto, de quem nunca, talvez nunca mais, nunca mais, escutasse a voz.

Vamos encontral-o na Bahia como guarda-livros de José Cactano Ferreira.

Ahi definem-se os traços do seu caracter, E' bom, folgazão e severo no cumprimento de seus deveres.

Como o sergipano, em geral, a generosidade nelle se accentuara: uma franqueza excessiva, prejudicial, porque Camerino esbanjava e «só estava bem quando não tinha um vintem no bolso»—dizia.

Do seu ordenado, espendia uma metade e a outra dava aos pobres affirmando certa vez,

em roda de amigos:— Assim ninguem acreditará que as minhas extravagancias me dêem logar a fazer o bem e, o que eu não quero é parecer bom.

Ninguem era pobre junto a elle, e era curioso vêr em sua meza, no Hotel, certo dia, onze amigos sentados, coagidos a se servirem de qualquer prato, sob pena severa de rompimento de relações.

Era o castigo que sempre promettia aos amigos, exceptuando uma vez, vez unica, que praticou o mal, numa vingança hilariante. Ella:

— Seu Amorim, um portuguez residente na Cidade Baixa, por maldade, cortou uma orelha do cavallo de um bom amigo de Camerino.

Em desforra, sabendo esse do facto, vai á cocheira do Sr. Amorim e corta as orelhas dos seus quatro animaes. Na volta, o portuguez está á janella. Diz-lhe Camerino:

—Vá ver o estrago que fiz nos seus animaes...

Folgazão, bohemio mesmo, aprazia-lhe a vida das *republicas*, onde descantava ao som do violão, modinhas toscas da sua terra, em meio aos companheiros que lhe applaudiam a voz e gostavam de ouvir suas anedoctas interessantíssimas a que elle dava um cunho de verdade. Mas, em noites de lua cheia, isolava-se, procurava uma praia onde se esbatesse o mar de leve, onde cantarolasse um remanso, para voar em pensamento á terra sergipana. E, nas azas da gaivota que revolteava tranquilla, nas vélas brancas das falúas distantes, no sopro fresco da *aviana*, Camerino ia buscar a tepidez da nos-

talgia para dar mais fortaleza ao sonho de gloria que o preocupava.

Tres qualidades formavam o sublime de sua alma. Era bom filho, bom irmão e bom amigo.

Como filho, eu lhe não sei sondar, para vos dizer, a magoa causada pela perda maternal; porque, si a alegria se mostra no riso que nos labios se estampa, na gargalhada que explode como um cascadear de perolas nas arestas crispadas do granito; a dôr é misteriosa, occulta, embuçada na propria alma, que as lagrimas não traduzem, que os labios não dizem, porque, ás vezes, tem a placidez terníssima da saudade que macera o rosto; ás vezes, a vibração da colera, a explosão da loucura, estonteada n'uma gargalhada phantastica como sinos de Alleluia!

Como piedoso exemplo de amor filial, vou narrar-vos, a respeito, o seguinte episodio da vida de Camerino:

*Em uma reunião de moços, em que as imaginações se expandiam, sempre no limite da decencia, Camerino, o heroe do festim, apostou que ninguem seria capaz de o fazer entristecer.

Um companheiro então, que, desde a mais tenra idade, o conhecia e estimava, levantou-se e fez um brinde á maternidade, proferindo bem tocantes palavras sobre esse tão nobre sacerdocio. Camerino, como a sensitiva e a alma branca das petalas das magnolias, cahiu a fronte e chorou.

Aquellas lagrimas terminaram o festim, e elle exclamou:

—Que cabeça tenho eu! esqueci-me na

aposta que fiz de exceptuar o caso de tocar nessa corda, a mais sensível de minha alma!»

Como amigo, diz um dos seu biographos, o saudoso poeta Severiano Cardoso:—«Fallei agora essas lágrimas que lhe regam o tumulo, essas benções que lhe canonizam a memoria».

E, consolo de suas amizades, num suspiro profundo como a resignação, dizia Camerino: «Sou tão feliz! Como pôde deixar de ser-o, quem vive sempre cercado de amigos!»

Como irmão, era a alma carinhosa e grande, meiga, affavel, sempre a rir, sentindo quando algum chorava, querendo quando elles queriam, soffrendo as pungitivas lágrimas que o mais moço derramou quando o bacillo cruel do typho o prostrou por quatro mezes: não lho deixando a cabeceira, pagando-lhe o pulso escaldante, encostando, delicadamente a mão á fronte, com a satisfação nos labios quando viu a tepidez da carne esfriar, esfriar até o normal. A unica cousa que o inquietava era o futuro da irman; e, se lhe lançavam em rosto a ingratidão de esbanjar aquillo que lhe devia pertencer, respondia:—«Não; não é um *thesouro* que eu quero para ella, é um nome; um nome que, sendo meu, seja d'ella e de toda a minha familia».

Eu creio, meus senhores, num destino implacavel, inexoravel, que é a longa estrada da vida, sem desvio, onde avança o caminheiro, a passos tardos, pensando desbravar mattas, traçar uma rota, inconsciente, porque não n'a percebe já traçada.

Como não ser fatalista, si vejo na vida, entre tantos outros, Francisco de Camerino, so-

nhando a gloria na batalha, antevendo o nome immortalisar-se no fumo que vomita o canhão, no clangôr dos clarins que lhe leva a visão para o Pantheon da Historia!

Si o escuto tantas vezes dizer :

—Eu quizera experimentar-me na guerra ; só me parece ter nascido para ella. Esta vida monotona cança-me, aborrece-me ; eu quizera a vida da actividade, e, como fôra feliz, si pudesse cantar um hymno ao som do bramar da artilharia a rebentar-me os ouvidos !

E dizci-me se não é predestinado, quem, como elle, ouvindo seu cunhado, o negociante Antonio da Silva Moutinho ler historias e façanhas de guerreiros, se exaspera no correr da leitura, ao escutar :

—Annibal hezitou na passagem dos Alpes... Coriolano cedeu a tantas instancias...

E exclama :

—Ah ! pois eu não hezitaria, eu não cederia !

Era, respondereis como o escriptor, sinão a consciencia da força, a força da consciencia.

Quando em 1865, o Brazil ultrajado toca o reunir de seus filhos, para o tributo de sangue pela Patria e pela civilização, o joven estanciano, na vibração cahotica de seu patriotismo, escuta os primeiros toques da corneta e quer dizer á Patria que Sergipe tem filhos que a aprenderam amar no catholicismo verde de sua Natureza.

Quer partir, quando a voz suavemente fria do coração lhe accode o nome da irmã querida.

E, como a luz da lampada que á viração

bruxoleia, Francisco de Camerino, pendeu a cabeça e pensou na família, meditou a tarde que morreu, a noite que veio e, no leito, onde, na impaciência febril da resolução do dilema—Patria ou Família—disse sorrindo:—Que molestia!

Até meia noite, soada por um velho cuco, quando Camerino, pula do colchão, com o grito decisivo:—Viva o Brasil!

A molestia era a aneurismia do patriotismo—rebentou.

No dia seguinte, resolute a marchar sem despendar um vintem do Governo, recebe do Club Caxearal aquella espingarda (1) e vae unir-se ao oitavo de voluntarios sob o commando do valoroso Freitas Barreto, que vem de Sergipe com uma pleiade lusidia de moços, sentindo dentro de si essa gloria de ser mais tarde o heroe, tendo nos labios o riso dos fortes e no peito a fé dos cavalleiros medievaes. Lil-o aqui nos versos de Calazans:

«Seus cabellos ondados resguarda
Um chapéo meio a lado, a-la-mar,
Tem casaco de linho e não farda,
Traz no hombro a seu geito a espingarda,
Companheira de guerra sem par.

Tem na fronte estampado um dos sellos
Que aos eleitos reserva o Senhor;
Negros olhos da cor dos cabellos,
Olhos vivos assim, praz-nos vel-os,
Dando luz aos sorrisos em flor.

(1) Esta arma achia-se no Instituto Historico de Sergipe.

Tem na curva dos lábios inscripta
 A firmeza que honrou Jephthé,
 Seu andar o valor sobrexcita,
 Quer-lhe bem—sem querer—quem o fita ;
 Esse lindo paysano quem é ?

Assim, parte o voluntario paysano Camerino, para o campo de honra, fazendo as despezas de munição á sua custa, entendido o patriotismo a seu geito, depois de ouvir a missa celebrada por seu tio, o padre José Luiz de Azevedo, e, constricto, no fervor de uma prece elevada ao Céu como myrrha, pedir a Deus que lhe nunca seneca a coragem.

Escutae, agora, a carta nervosa e vibrante de um patriota, que tem a confiança inabalavel na gloria, a convicção sã e forte de vencer.

O patriota lyrico, que canta na frente das hostes, altivo, sereno como os bravos do romantismo, em busca de um nome immortal, para sua dama loira.

Meus irmãos—Quando em 23 de Abril do anno passado, embarquei para o Rio de Janeiro, não lhes escrevi para com mais facilidade vocês me esquecerem. Com a minha partida sei que cravei um punhal em seus corações, porém, não podia deixar de fazel-o :—a Patria gemia :—perdoem-me, ao menos por amor della. Vim, e trazia o intimo desejo de alistar-me nas fileiras dos homens briosos, que, com o coração cheio de bem entendido patriotismo, correram a tomar o nome de - Voluntarios da Patria ! Dispunha-me a tomar o lugar que me cabia como brasileiro, e pensava que só podia fazel-o sendo soldado ; en-

ganei-me. Allí pensei, e resolvi o contrario. Não porque a mochila me pudesse nodoar, mas porque foi allí que comprehendí e conheci em meu genio um quer que seja capaz de não supportar o rigor da disciplina militar ; tambem vi que podia ser util ao paiz e prestar á minha nação o serviço a meu alcance, sem depender do Estado.

Pensei (o que poucas vezes tenho feito na minha vida) e, como já disse, resolvi o contrario : tomei uma arma, sabre, revolver, e segui o batalhão de minha provincia. Não era soldado, porque não tinha ido dar o meu nome no livro dos bravos ; mas acompanhei-os. Vim e deixei, senão uma vida cheia de prazeres, ao menos falta de tranquillidade, para attender ao reclamo da Patria.

Orgulho-me disto. Acompanho o oitavo de Voluntarios da Patria, que é uma das glorias do exercito brasileiro por sua disciplina, zelo, moralização e actividade e, com minha arma defendo o pendão auri-verde, que tremula entre meus irmãos, e por esse pouco, sou muito feliz.

Não sou soldado, meus irmãos ; porém, sem sel-o, passo uma vida amargurada no fundo de uma barraca, e, em longas marchas, sacrificando com o maior prazer a tranquillidade e a vida, voltarei coberto de gloria a mostrar-me sempre digno de vocês, supportando, embora, os revezes da sorte que sempre me impelle. Não supponham que estou arrependido de ter vindo como particular, e, para provar-lhes o contrario, direi o que se tem passado commigo. Em Níctheroy, primeiro porto em que desembarcamos, o sr. commandante, por bondade sua, quiz pro-

por-me alferes eu pedi-lhe desculpa e não acceitei; em Santa Catharina ainda tentou, e eu, como sempre, não acceitei. Tenho vindo até aqui com os melhores commodos possíveis ao soldado em campanha; acompanho o exercito por minha livre vontade; devo eu desejar mais alguma coisa? Breve passaremos o Uruguay e iremos atacar Itapua que dista daqui vinte leguas. Talvez veja realizado o meu sonho de gloria. Hei de ter a felicidade de experimentar o calor de uma acção, e ahi, hei de portar-me digno de vocês, ou a minh'alma, deixando cahir a materia no campo de batalha, subirá perante o Todo Poderoso. Meus irmãos, si vocês, desde a minha infancia, luctaram com os meus desvarios e amavam-me sempre como bons paes, o sr. commandante não cansa de imital-os; está sempre disposto a soffrer-me, e, o que é mais raro, com a melhor boa vontade possível. Si eu tivesse aqui um pae extremoso, por certo não estaria melhor do que estou; já veem, portanto que, se não tenho aqui vocês para dedicar-lhes a minha gratidão, Deus condoeu-se de mim e deu-me um outro bemfeitor, que, sem ter o dever de sel-o, tanto se compadece de mim.

Calculem, pois, a minha gratidão para com elle—do que me usano. Creiam no soldado agradecido que fala pelo coração.

Adeus. Seu irmão e amigo—*Francisco*. (1)

(1) Carta de Camerino aos irmãos, datada de S. Borja, aos 25 de Fevereiro de 1866.



O oitavo batalhão de voluntarios é incorporado á divisão do heroico Barão de Porto Alegre, que lhe deu ordem de atacar Curuzú.

Camerino sente a vibração nervosa do hymno da Patria, como se todos os sentimentos seus, todas as fibras, fossem cordas de um instrumento phantastico dentro delle proprio a vibrar. A bandeira tremúla, numa gargalhada incontida de febre cerebral, nas mãos cerradas do tenente Favors. O campo tem uma immobillidade attrahente. E as cabeças impacientes se agitam a espera da voz da corneta. Sôa. E a multidão se arroja numa sede de sangue, com um pedaço da Patria a lhe vibrar no peito, quebrando as pontas dos chugos com o thorax e repellindo a bala com os musculos. João Esteves de Freitas, Travassos, Gordo e Amaral cahem no campo de lucta, enquanto Camerino pára, com o sorriso piedoso, ao ver Joaquim de Calazans, convulsionar-se, estorcer-se e expirar com os labios collados na dobra da bandeira auri-verde.

Arroja-se depois ardoroso, incontido, heroico, contra as trincheiras inimigas, e avança nos assaltos, á frente sempre, precipita-se de encontro ás lanças e doido, allucinado pelo patriotismo, rompe a metralha, enfrenta as baterias—quer morrer!

Dum alto—o monte da victoria—a corneta do cabo Fernandes clangora :—Cessar fogo!

Curuzú era brazileira.

Porto Alegre, acerca da batalha e tomada

de Curuzú, reconheceu o heroísmo e abnegação do voluntário paysano de Sergipe, escrevendo :

«Torna-se também digno de menção o voluntário Francisco de Camerino, porque, guiado unicamente pelos seus sentimentos patrióticos, combateu heroicamente nas fileiras do batalhão oitavo de voluntários da Pátria. Este homem nem é alistado e nem recebe dos cofres públicos remuneração de especie alguma.» (1)

Já o vimos lutar, vamos vê-lo morrer.

A's 7 horas da manhã do dia 22 de Setembro de 1866, manhã fria do sul, com azas de garça, novellos de linho e farrapos de algodão no setim azul. Francisco de Camerino descansava no acampamento : as mãos segurando a fronte curvada, o pensamento distante, a esvoaçar pela casa humilde dos irmãos, batendo as azas nas luzes da casa de Sinhá, annunciando-lhe o heroísmo de que deu mostra.

Porto Alegre manda atacar Curupaity. O clarim annuncia a batalha a travar. Camerino desperta, pega a arma e diz aos medicos que limpavam uns ferros de cirurgia :—Prepare isso, que volto já.

Fóra formava luzidio o oitavo, sol doirando dragonas, espelhando as laminas brancas das baionetas, esbatidas no fundo verde as barracas alvissimas. Echoavam pelas quebradas, distante, o clangor dos clarins, o rufflar dos tamboros e as vozes de commando. Camerino une-se ao pelotão. Evolve a esquadra, uma companhia desfila

(1) Extracto da parte official do sr. Barão de Porto Alegre.

e o batalhão marcha, cadenciado, rithmado, ondulando, em contraste encantador, pela verdura das campinas. O inimigo está entrincheirado, á vista. Camerino sente duplo ardor de Curuzú—ia confirmar a gloria que lhe dera a batalha antecedente.

Entra em lucta, arrojado, combate como um tigre, tem rasgos audaciosos, o impeto feroz dos horoes de Sparta, não desmente Curuzú, e grita, e canta, e vibra aquelle moço de minha terra, já roto, cabelleira negra esgrenhada, a pular trincheiras, escrevendo a Historia da Patria, com sua baioneta molhada em sangue.

Meia hora em lucta, quando um espaldão é guarnecido pela artilharia brazileira, o fogo do bombardeio inimigo se torna mais vivo e assiduo.

Do inferno uma bomba estoira no ar e um estilhaço, serpenteando, zigzagucando como um curisco, fana a flor da existencia de Francisco Camerino. O heróe cahe de bruço, rolando, a cabeça convulsionando o corpo no seu sangue jorrado. Tem as apophises espinhosas das vertebraes dorsaes e lombaes descobertas, o mais horrivel ferimento que, nesse dia, se apresenta no Hospital.

E Camerino, guardando a serenidade dos lyrios que morrem, abre os olhos, sorri, e, daquelles labios em flor, como as notas mais baixas e mais doces de uma flauta dorida, balbucia, canta suavemente, merencoreamente, esses versos sublimes do «D. Jayme»:

Ou morre o homem na lida
Feliz, coberto de gloria,

Ou surge o homem com vida
 Mostrando em cada ferida
 O Hymno de uma victoria.

E expira.

E, lá, meus senhores, entre as ruínas recor-
 dativas da for. aleza do Curuzú, num canto, erma,
 soturna, abandonada, está a cova rasa de Fran-
 cisco Camerino.

Na anfractuosidade da muralha esboroada,
 brotou uma flor azul.

Essa fior mysteriosa illumina-se, exponta-
 neamente, á noite, e arde até ao albor da Ma-
 drugada.

Germinou ás lagrimas da Patria, é a senti-
 nella symbolica que lhe vela o tumulo, é a préce—
 a derradeira prece do Reconhecimento e da
 Saudade!

EXTRACTOS

Da parte official do major commandante do 8.^o de voluntarios, Rufino Voltaire Carapeba, sobre o ataque á fortaleza de Curupaity.

«Acampamento do 8.^o corpo de voluntarios da Patria em Cruzat, 23 de Setembro de 1866—
Pelas 7 horas da manhã do dia 22, quando principiou o bombardeio da esquadra, principiou o inimigo a bombardear tambem o espaldão até sete e meia mais ou menos, em que foi este guarnecido pela nossa artilharia, tornando-se mais vivo e assiduo o fogo. Logo ahi teve o corpo do meu commando fóra de combate por morte o bravo voluntario paysano que o acompanhava: Francisco de Camerino.»

«Da correspondencia para o «Correio Mercantil» da Côrte, de 4 de Dezembro de 1866:

«Buenos-Ayres, 24 de Novembro.—Aqui ta eu terminar essa carta, quando me lembro que tenho á mão uma bonita composição poetica que um joven bahiano, Rosendo Muniz, escreveu, pode-se dizer sobre a sepultura de Francisco de Camerino.

Recordam-se os leitores desse nome?

E' o de um heroe legendario da guerra actual. Camerino era um moço natural da Provincia de Sergipe, que veio, como paysano, fazer a guerra aos inimigos do Imperio: como paysano trajou sempre, sem aceitar posto, nem distincção alguma: sem receber soldo, nem tomar outra parte no exercito, senão nos dias de combate de que era então o mais intrepido soldado.»

De uma carta do sr. Rosendo Muniz Bar-

retto ao «Diario da Bahia» datada de Curuzú, em 13 de Novembro de 1866 :

«Passo agora a memorar uma gloria de Sergipe.

No assalto de Curupaity, quando estava eu no hospital de sangue, ainda cheio das indiziveis commoções, que precedem a marcha de um exercito de bravos ao combate, fui testemunha occular do prodigioso sangue frio e do amor patriotico em que se exaltou aos braços de Deus esse virtuoso e raro mancho, esse voluntario paysano, esse escarneo da morte, esse novo luzeiro da Patria—Francisco de Camerino—que morreu pronunciando, como se fosse uma prece, os magnificos versos de Thomaz Ribeiro, no «D. Jayme».

Se o paiz lastima que tanto denodo fosse aniquillado por um estilhaço de bomba, a historia nacional congratula-se porque tem com que encher uma pagina de ouro.»

De uma correspondencia da Corte para o «Alabama», jornal da Bahia, em 20 de Outubro de 1866,

«Ao contrario *desse desinteressado amigo da Patria*, que *esqueceram* tudo para correr ao grito della, pela *bagatella* de 600\$000 mensaes, veja-se a abnegação do brasileiro Francisco de Camerino que, não sendo soldado, nem nada ganhando do Estado, mune-se de uma espingarda, ataca o inimigo e cahe victima do seu amor á Patria, repetindo, ao expirar, os versos de Thomaz Ribeiro.

Compare o procedimento desse heroe, sua

abnegação pela vida e amor por sua patria, e veja o que se poderá dizer dos medicos e outros»...

Da correspondencia para o «Jornal do Commercio» da Côrte, datada em 27 de Setembro de 1866:

«Creia que o grande valor dos nossos combatentes não se extingue com pequenas decepções, e, para completa prova de minha asserção menciono aqui o nome de Francisco de Camerino.

Esse titan morreu nos meus braços. Era talvez um homem cansado de viver, mas nem por isso deixou de ser um emulo de Mariz e Barros, na hora angustiosa que lhe cerrou as palpebras. As honras de sua morte e o brilho de sua memoria pertencem hoje á Provincia de Sergipe, que já perdeu o Freitas Barreto e o Calazans.

Francisco de Camerino não recebeu um vintem dos cofres do Estado. Depois de mostrar uma impassibilidade de cadaver, num ferimento, o mais horrivel que appareceu nesse dia, ferimento que fez descobrir até as apophises espinhosas das vertebraes dorsaes e lombaes, esse homem prodigio expirou como um heroe, pronunciando o verbo da Patria em tocantes versos de Thomaz Ribeiro.

Longe da Patria e por ella já se pode morrer assim.»

NOTA—Sobre Francisco de Camerino, o saudoso poeta Severiano Cardoso publicou, em 1869, se me não falha a memoria, um folheto donde tirei os documentos que vão acima. O poeta fez a biographia do heroico voluntario-paysano. Outros ainda, poucos, d'elle trataram. Penso fechar o cyclo, additando observações feitas por parentes do heroe, que tiveram, para conmigo, a extremada gentileza de m'as relatar.



DISCURSO

*pronunciado na sessão magna do dia
15 de Agosto de 1917, pelo orador
do Instituto Historico, sr.
dr. Prado Sampaio*



SR. DR. RUCIA POMBO :

As palavras que ora me incumbe pronunciar encontram, na vehemencia do nosso sentir, a exacta expressão do nosso affecto pela admiração que tributamos a vossa pessoa. É assim, eu poderia me limitar neste instante a vos dizer ; pelo Instituto Historico e geographico de Sergipe eu vos felicito, sr. doutor, e crêde que nos consideramos grandemente honrados com a vossa comparencia a esta tenda de trabalhos, fazendo votos pela brilhante realisação da obra que emprehendeis.

Penso que, deste modo, teria cumprido o meu dever. interpretado com segurança o pensamento de meus dignos confrades e prestado uma justa homenagem ao vosso brilhante espi-

rito e aos vossos sentimentos de alevantado patriotismo.

Algo de constrangimento me ficaria porem a angustiar o intimo si, a proposito dos vossos intuitos, não vol-o dissesse qual o ponto de vista dèste Instituto, a visão subjectiva que se nós antolha.

Dizel-o, não será uma necessidade para vós que, de certo, podereis desassombradamente dispensar toda e qualquer contribuição extranha para a vossa obra; mas importará uma necessidade para nós como affirmativa da nossa razão de ser, e expressão do nosso depoimento sobre a evolução do espirito nacional.

E' o que, sem perda de palavras, fal-o-ei agora por me parecer este o mais importante assumpto de nos congratularmos comvosco.

Tenho para mim, sr. doutor, que sobre a não solução de continuidade territorial da nossa patria assena, una e irreductivel, a psychologia nacional em suas manifestações autonomicas.

A alma brasileira sempre a mesma; por todos os desvãos do pais palpitam identicas tendencias e affloram iguaes aspirações.

Bem cedo os nossos poetas e os nossos chronistas vibraram por toda parte a mesma gamma de emoções, feriram a mesma nota de enthusiasmos fortes.

E' a preponderancia ethnica, é o nosso elemento estatico.

O que vem a imprimir aos acontecimentos multiplices matizes, cambiantes de luz e sombras é o facto da deslocação do scenario nas

mutações do drama nacional. Então, a nossos olhos, o elemento hereditario e tradicional surge coeicientisado pelo elemento de adaptação a abrolhar atravez dos nossos climas e debaixo dos nossos céos consoante novas necessidades e novos meios.

É dest'arte, se não podemos affirmar a existencia de uma psychologia regional, de cujos anccios e ideaes se evolem individuadas manifestações de natureza politica, intellectual ou artistica, tambem não nos parece extranho que o phenomeno social se nos apresente como um producto de differenciação, por força de condições peculiares ao meio.

E' de modo a comprovar a justeza do meu conceito o acontecimento politico da Independencia.

A meu ver, já o disse algures, é nesse assignalado facto historico-politico que se encontra a primeiro ecclosão da consciencia nacional; é partindo d'elle, quaesquer que tenham sido as aspirações anteriormente afagadas pelo espirito brasileiro ao longo do seu percurso de formação ethnica, que se pode descortinar a existencia de naturezas privilegiadas a serviço de largos ideaes na esphera civil, politica e philosophica, e que começa a derivar todo esse amalgama de ideias e concepções estheticas, d'anhelos e emoções geraes e crescentes em que a nossa vida espiritual se tem manifestado e vae levando o humos da civilisação a todos os angulos do paiz.

A Independencia foi com effeito uma conquista do espirito nacional áquella hora do seculo.

Mas conquista que não resultou de movimentos synergicos postos em acção em dado momento pelos varios nucleos de população.

Aqui o influxo da metropole annullava o ideal da separação, alli vibrava o sentimento da liberdade.

Pois bem, sr. dr. Rocha Pombo, vereis comprovado em breve pelo estudo dos nossos documentos relativos a essa epocha memoravel, que quando na Bahia, dominada pelas forças do general Madeira, se levantava opposição á acclamação do primeiro Imperador, em Sergipe o povo quebrava o jugo da metropole, sob ecclosões de fervidos enthusiasmos. E assignalareis com a vossa grande auctoridade e saber, fazendo a critica do momento, que Labatut não foi em Sergipe o factor do movimento separatista, mas o consolidador da sua victoria.

Eis por que nesta casa não raro se fala em historia de Sergipe. Não é que julguemos possuir uma historia, como geralmente se comprehende a historia um amentoado de factos bellicos, de datas aureas, de feitos gloriosos. Mas é que, através do evolver nacional, vemos que o povo sergipano tem sido uma força, se não extraordinaria, todavia apreciavel, pelo menos em dois momentos capitaes: contra a dominação batava e contra a dominação portugueza, affirmando-se pela integridade territorial da patria e pela integridade politica da nação.

Zelador dessas tradições, o Instituto Historico e Geographico de Sergipe ora descerra-se ao exterior, em explosões de affectos, para

receber o grande historiador nacional, que sois vós, sem receios de que estudeis as manifestações do povo sergipano, os documentos do seu patriotismo e as afirmações do seu character.

Acceptai, pois, sr. dr. Rocha Pombo, as saudações deste Instituto.

(O orador foi muito applaudido).





BREVE MEMORIA HISTORICA

SOBRE A

Revolução Republicana de 1817

—————

(Trabalho apresentado e lido pelo 1º secretario do Instituto Historico e Geographico de Sergipe Dr. Luiz José da Costa Filho, em sessão de 6 de Março de 1917, do mesmo Instituto.)

—————

(De 6 de Março a 20 de Maio de 1817)

SR. PRESIDENTE, ILLUSTRES CONSÓCIOS:

A Revolução, que hoje um século exactamente faz, rebentou na cidade do Recife, capital da então Província de Pernambuco, é um dos maiores e dos mais interessantes acontecimentos da historia politica e militar do Brasil. Impressiva em todos os seus aspectos, rica em lances e episodios do mais exaltado sentimento patriótico, doutrinária em demasia e theorica por excellencia, aquella revolução nacionalista, que a grosseira marôta e a imprudente arrogancia do general portuguez MANOEL JOAQUIM BARBOSA, commandante do regimento de artilharia, preci-

pitaram, bem pode ser considerada hoje á luz dos processos historicos com que sabemos julgar o passado, o cyclo epico-romantico da Independencia, que ella preparou, para a qual assás contribuiu com o sangue e o heroismo dos seus mártires e que cinco annos depois foi proclamada, n'um grito salvador, generoso e entusiastico, pela bocca da propria realza, que enforcára, arcabusára e espostejára os abnegados sonhadores da «Republica de 1817».

O 6 de Março cujo centenario hoje commemoramos, foi um dia tetrico para a população do Recife, que presenciou sanguinolentas scenas e factos sorprendentes. Havia transbordado a medida de odio entre brasileiros pernambucanos e portuguezes, a quem a ironia do sentimento nativista apellidára de *marinheiros*.

A desconfiança e a insubordinação reinavam nos quartéis.

A *Maçonaria*, certo a mais poderosa associação liberal da epoca no seio da sociedade brasileira, trabalhava na surdina e com todo o vigor, em pról dos ideaes republicanos e democraticos. Nas vespéras da revolução já os *marinheiros*, á dizer, os portuguezes, estavam muito desprestigiados no Recife, tanto isso era verdade, que um preto brasileiro alistado no terço dos Henriques, sendo por um *marinheiro* injuriado na festa da Estancia, esbofeteara-o ahí mesmo, publicamente, com o applauso de todos os brasileiros presentes. Esse facto calou profundamente mal no espirito parcialissimo do governador da provincia Caetano Pinto de Miranda Montenegro,

que desde aquelle momento começou a ver em cada nacional um maçon conspirador.

Foi quando, por intermedio de um amigo intimo do Ouvidor dr. Cruz Ferreira, o realista Manoel Carvalho de Medeiros, chegou ao governo uma denuncia declinando os nomes dos maçons padre João Ribeiro Pessôa, Domingos José Martins, Antonio da Cruz Cabugá, capitão Domingos Theotonio Jorge, capitão José de Barros Lima, capitão Pedro da Silva Pedroso, tenente José Mariano de Albuquerque e o ajudante Manoel de Souza Teixeira, como cabeças de um tramado movimento revolucionario. Os denunciados receberam ordem de prisão.

O marechal José Roberto foi designado para encarcerar os tres civis denunciados.

O general Manoel Joaquim Barbosa ordenou a reunião dos officiaes do seu regimento para certa hora do dia 5, e, todos presentes, lhes disse em tom aspero, que : eram alguns dos officiaes sob o seu commando, traidôres.

Domingos Theotonio protestou e logo teve ordem de prisão, gritada com insolencia pelo general, que o mandou trancar no forte das Cinco Pontas. José de Barros Lima encolerizou-se com a prisão do camarada e com o procedimento aggressivo do seu commandante. Protestou. Recebeu incontinenti ordem de prisão. Resistiu, e, desembainhando a espada, (*) vibrou certa estocada no general BARBOSA, gritando : «FOIS MORRE MISERAVEL!»

(*) Essa gloriosa espada achou-se no Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Estava materialmente iniciada a Revolução. O povo saiu a rua e confraternizou contra a Corte, o Rei e os *marinheiros*.

Deposto e preso o governador, foi eleito um governo provisório, jurada uma bandeira bicolor e mandados foram emissários do novo regimen, para as vizinhas provincias e capitánias.

O seminarista José Martiniano de Alencar, fôra incumbido da propaganda na ão Ceará, sua terra natal, onde prenderam-n'o numa enxovia e acorrentaram-n'o, os realistas, quando sermoneava sobre as vantagens e os encantos da Republica.

O PADRE JOSÉ IGNACIO PESSÔA DE ABREU E LIMA, alcunhado *Padre Roma*, expedido foi para a comarca de Alagôas, no seio de cujos povos derramou, sem grandes e compensadoras vantagens, o inflammado oleo de seu verbo encantadoramente revolucionario.

Na sua peregrinação heroica, tão nobilitadora quão perigosa, deliberoi elle, o celebrado patriota e martyr, transportar-se n'uma balsa, de Alagôas á Bahia.

Realizou-se com assombrosa coragem a travessia, tendo como companheiro dessa arriscadissima jornada um filho menor, depois o valente GENERAL ABREU E LIMA.

Desafortunadamente para a boa marcha da revolução, ao montar a balsa a ponta de Itapoan, proxima á Bahia, o energico patriota fôra preso pelas tropas, que já o esperavam, do cruel sr. conde dos Arcos, esse valoroso fascinora fidalgo, talvez o mais benemerito salafario com que contou a realza de Portugal no seculo passado.

O padre Roma pagou com fusilamento summario no campo de Sant'Anna a sua dedicação extrema á causa da Liberdade, que apaixonadamente abraçára por convicção e principios.

Por um requinte chinéz de perversidade, o malvado d. Marcos de Noronha ordenára, que os seus belinguius arrastassem o filho do martyr á assistir o arcausamento do pae, o que cumpriu-se.

A Revolução alastrava-se, contudo e apesar de tudo, Parecia triumphante.

Foi quando Alagôas trahio.

Sergipe, então comarca, ficou ao lado d'El-Rei, e, em Villa-Nova, formou-se um nucleo de resistencia á liberal torrente pernambucana. Na sua passagem por aquella localidade, o marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, enviado do Conde dos Arcos, recebeu os auxilios e o conforto materiaes de que necessitavam as suas tropas.

Sergipe fez contra a Bahia e em favor das suas aspirações de independencia, naquella época, uma boa e sensata politica. O ter ficado fiel ao rei, valeu-lhe o decreto de separação da Bahia.

Na Parahyba e no Rio Grande do Norte os republicanos praticavam incalculaveis heroismos.

José Peregrino Xavier de Carvalho, parahybano, soldado e depois martyr da Revolução, realizou prodigios e se immortalizou pela nobre e spartana rigidez de character, respondendo ao pae, que lhe supplicava, alçando a imagem do

crucificado e de joelhos, abandonasse a causa republicana, as estoicas phrases seguintes :

«É possível, senhor, que com a experiencia dos annos não tenhaes adquirido o conhecimento dos homens? Vós, que deveriais ser o primeiro em guiar meus passos na estrada da honra e confortar-me na espinhosa carreira, em que me acho, vós que deverieis alçar a vossa respeitavel voz para desenganar nossos illudidos compatriotas, sois vós, que vindes propôr-me a minha propria infamia?»

«O meu bom paé, retrocedei á vossa casa, ide annunciar aos vossos committentes, declara lhos francamente, que o vosso filho é digno de vós, que não sabe transigir com os seus deveres; que elle e os seus camaradas perecerão com a Patria si o fado adverso tem decretado que ella pereça.»

Entretanto, contrastando esses lances immortaes e superiores de civismo e inabalavel animo patriótico, por outro lado, na sombra, a traição e a cobardia, a fraqueza e a inconstancia operavam miseravelmente.

O governo do Rio de Janeiro já combinára com o da Bahia os meios de acção para despedaçar as aspirações federativas dos patriotas e gatrotear a recém-nascida Republica.

Os arsenaes e os estaleiros de ambos aquelles centros de resistencia realista, aprestavam-se em preparar unidades fluctuantes de guerra para um bloqueio. D. Marcos de Noronha, revelando mais uma vez a fria crueldade da sua pesada alma de verdugo, conseguira espalhar, mesmo na cidade do Recife entre os incipientes cidadãos, uma monstruosa proclamação em avul-

so, que também fôra profusamente distribuída nas Alagoas e na Bahia, concebida nestes termos: «Habitantes de Pernambuco! Marcham para a comarca das Alagoas bandeiras portuguezas e soldados bahianos, para as içarem em toda a extensão dessa capitania. Todo o habitante de Pernambuco, que as não seguir rapidamente, e não marchar junto a ellas, será fusilado. As forças navaes ora á vista, em bloqueio do porto, têm ordem para arrazar a cidade e passar tudo a espada, si immediatamente não forem instauradas as leis de S. M. Fidelissima, El-Rei Nosso Senhor.

Nenhuma negociação será attendida, sem que preceda como preliminar a entrega a bordo dos chefes da revolta, ou a certeza da sua morte, ficando na intelligencia de que a todos é licito atirar-lhes a espingarda como a bandidos. — Conde dos Arcos».

Essa aberrante e furibunda formula de assassinato em massa, desconcertou numerosos espiritos timoratos, mesmo no seio da phalange republicana do Recife, desses com que se não pode contar nas horas de perigo imminente, porque são como que feiros de cêra lívida e frágil: derretem-se ao calor que precede a lucta. São valores negativos nos momentos serios. Anulam-se e desaparecem por si mesmos.

São os zeros a esquerda dos numeros combatentes, nas revoluções.

A Republica não possuía nenhuma unidade de guerra fluctuante. Urgia adquirir algumas. Abriu as camastras do erario e comprou embarcações ruins e carissimas, usadas no trafego

mercante. Adaptou-as aos mistéres da guerra, mas faltavam-lhe marinheiros. Quem commandaria a flotilha ?

Quasi não havia homem do mar entre os republicanos e maçons. Perpetrou-se, então, um desvairado acto, curiosamente disparatado.

O governo provisório nomeou commandante em chefe das suas forças navaes, um agricultor : o coronel de milicias Luiz Francisco de Paula Cavalcanti.

O almirante Rodrigo Lobo postára suas naus em frente á cidade do Recife e ameaçava arrazal-a. Recusou entabolar qualquer negociação com o parlamentar que os patriotas lhe enviaram. Apertou o bloqueio com o maximo rigor.

Em terra o marechal Cogominho vencia as tropas republicanas em repetidos combates no interior.

Já no Rio Grande do Norte estava restaurado o governo monarchico, apesar dos ultimos e supremos esforços do improvisado governo republicano da *Serra Martins*.

Apoderou-se de toda a população o desanimo.

A fome entrou nos lares em desalinho.

E na tristissima tarde do dia 19 de Maio de 1817, o governo provisório acompanhado dos seus ultimos e abatidos soldados, todos silenciosos, alli representados naquella acalunhadissima retrada, pelo padre João Ribeiro Pessoa, que caminhava a pé, com um sacco ás costas e uma espingarda ao hombro e pelo dictador Domingos Theotônio, que marchava a cavallo len-

tamente, fugia para Olinda, em demanda do «Engenho Paulista», abandonando o Recife, onde durante 73 dias semeára os princípios republicanos que haveriam de vingar no longinquo futuro. No dia 20 de Maio foi restaurada no Recife a autoridade monarchica, sem a menor opposição. Cogominho occupou militarmente a cidade e Rodrigo Lobo assumio o governo da provincia. Nos cofres publicos os restauradores do governo d'El-Rei, encontraram 500 contos de réis, o qual facto bastaria para provar a pureza de convicções e a elevada somma de virtudes democraticas, que caracterizavam os patriotas e revolucionarios de 1817. Naquelle mesmo dia o estoico e douto maçon padre João Ribeiro bebera veneno e depois enforcára se na capella do «Engenho Paulista», sendo alli enterrado, e tres dias depois exhumado por ordem do marechal Cogominho, que mandou espostejar o cadaver apodrecido do grande patriota e espetar-lhe a cabeça sonhadora e illustre n'um poste, em Goyana, sua terra natal, onde durante dois annos esteve exposta, até que mãos piedosas furtaram-n'a.

O Instituto Archeologico de Pernambuco conserva em seu precioso museu tão sagrada reliquia historica. Na Bahia e no Rio foram mortos depois os patriotas padre Miguelinho, Domingos José Martins e José Luiz de Mendonça, o jurisconsulto da revolução e autor do memoravel *Preciso*; Domingos Theotônio Jorge, o dictador dos derradeiros dias da Republica; José de Barros Lima, Pedro de Souza Tenorio, Antonio Henrique Rabello, José Perigrino Xavier de Car-

valho, Amaro Gomes da Silva Coutinho, Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, Antonio Pereira de Albuquerque e Francisco José da Silveira, foram enforcados no Campo do Erário, no Recife, por ordem do capitão general Luiz do Rego Barretto, nomeado governador de Pernambuco pouco tempo após vencida a revolução, e que foi depois assassinado no Recife, pela caduta de uma noite, por mãos justiceiras.

Não cabe nos limites estrictamente descriptivos desta resumida «Memoria», a critica sociologica de tão importante acontecimento historico, certo, o mais notavel movimento democratico do seculo passado, em todo o hemispherio americano.

Entretanto, fazendo a synthese da physio-psychologia daquelle facto, podemos dizer, que elle foi a nevrose politico theorica resultante da violenta exteriorização do sentimento e do orgulho nacionalista de uma intrepida phalange de sonhadores, que não souberam conspirar, porque eram poetas, e não souberam transigir, porque deviam ser martyres.

Eis, pois, illustres consocios, nessas breves e singelas pautas, esboçadas com sobriedade as linhas geraes da «Revolução Republicana de 1817», cuja existencia foi de 74 dias sómente, e cujo centenario hoje aqui em torno desta mesa e reunidos nesta sala de trabalho patriotico e lucubrações historicas, modestamente commemoramos, nós, os dirigentes e operarios do Instituto Historico e Geographico de Sergipe.

Hei terminado.



CONFERENCIA

lida no Instituto Historico e Geographico de Sergipe,
em a noite de 23 de Setembro de 1917

PELO

DR. RODRIGUES DORIA



*Srs. representantes dos poderes civil e
ecclesiastico :*

Srs. presidente e membros do Instituto :
Senhoras e senhores :

Somente por um effeito de miragem, que nos desertos adustos e aridos illude o viandante cansado e sequioso com a perspectiva proxima do oasis sombrio e humido, fresco e verdejante, onde iria alegre e esperançoso mitigar a sede mortificante e repousar os membros lassos e a fronte requeimada e opprimida, até se desenganar desalentado das esperanças concebidas ; somente por um effeito de miragem, repito, pôde-se explicar a captivante insistencia da illustre Directoria deste Instituto em me conferir a honra especial de me fazer ouvido desta tribuna, que nada tem a ganhar, dando-me, no entanto, um

pouco do valor aqui deixado por outros oradores que a têm ennobrecido com seus eruditos discursos.

Na ordem *physica*, a distancia apouca e reduz as apparencias deante da accomodação imperfeita dos nossos órgãos visuaes; pequenos se nos afiguram os grandiosos edificios, baixas as alterosas montanhas; aos olhos do espirito, ao envez disso, se avolumam as figuras abstractas, crescem de tamanho com o afastamento e com a ausencia os aspectos moraes e intellectuacs. Eis aqui o segredo do honroso convite.

A minha situação é, sem duvida, melindrosa e erigada de difficuldades. Em exteriorisações como esta se faz necessario agradar ao auditorio; e isto depende da natureza das ideias expendidas e da boa vontade para com o orador. Se esta já se manifestou pelo convite gentil e delicado, não sei se as minhas ideias, o meu modo de pensar se conformam com o pensamento geral, e não envolverão exquisitices, não acceitas pela maioria dos meus ouvintes. As faculdades affectivas valem por maior em todas as relações da nossa vida, como quantidades predominantes nas nossas victorias, nas nossas conquistas, nos nossos exitos. Até nas demonstrações mathematicas ellas influem. Perderá o seu tempo quem quizer convencer a outrem contra a vontade, e por conseguinte certissimo é o adagio inglez:

«Convince a man against his will.
H'is of the same opinion still.»

(Querer convencer uma pessoa contra a sua vontade, ella continuará da mesma opinião.)

Por isso, e ainda por uma vida assoberbada de trabalhos, muito diferentes da natureza deste, sou forçado a solicitar dos meus ouvintes toda a benevolencia de sua generosidade para um trabalho sem o seguimento necessario, formados de notas a meúde interrompidas sem o nexó regular e determinado, e coordenadas sem a arte dos mosaicos, mas desordenadamente reunidas como sóe acontecer no popular exemplo das cobertas de tacos. Dest'arte ficarei tranquillo, certo da vossa absolvição para a fraqueza do meu discurso, para a pobreza da minha phrase, a inopia das minhas ideias, que externarei sem atavios, sem hypocrisia, sem refolhos mas com a sinceridade, a franqueza e a naturalidade que me são peculiares.

Escolher um assumpto apropriado ao tempo e ao logar, um assumpto que pudesse ser tratado sem aborrecimento ou enfado, foi já trabalho penoso e quasi insuperavel. «Fallará sobre o analphabetismo», ensinouo delicadamente o portador do primeiro convite, quando eu exprimia o temor, o receio que me antojava a minha insufficiencia em me encarregar do pesado compromisso de fazer esta conferencia. Serviu-me, no entanto, a suggestão para me occupar de assumpto affinente á instrucção e á educação, o que implica de facto um combate á chaga do analphabetismo, que corróe as fontes de vida e as energias de nossa patria.

Entrarei, porém, cauteloso no argumento, sem me aventurar a grandes elevações de onde poderia desabar como o learo, pelo desprendimento das azas postigas, nem tambem me apro-

fundarei em abysmos insondaveis. Seguirei o salutar conselho que o *exocoetus volitans*, o elegante peixe voador, dava ao filho que, na fabula moralista, se queixava de ser perseguido pelas aguas quando se elevava muito nos ares, e pelo tubarão quando descia desmasiadamente no seio do salso elemento :

..... « Mon enfant, dans ce monde
Lorsqu'on n'est, pas aigle ou requin,
Il faut doucement suivre un petit chemin
En nageant près de l'air et volant près de l'onde.

E apesar de tudo não foi este um thema facil, exigindo competencia e habilidades especiaes, tacto delicado e exercido, principalmente por ser um assumpto quasi que exgottado em conferencias, em escriptos, na eloquencia parlamentar e tribunicia, nas sociedades e nas praças publicas, tal foi o fervor e o entusiasmo com que se alastrou a ideia grandiosa, que dominou por algum tempo o paiz inteiro, e hoje quasi repentinamente relegada para um lado, e substituida pela exaltação bellicosa, pelos gritos de guerra, que provocou o patriotismo offendido e melindrado. Os exercicios militares empolgaram a nação. As conferencias anti-analphabeticas foram substituidas pelos *meetings* e discursos, chamando ás armas os cidadãos validos, baixando por esse geito a temperatura excitante em que se vinha aquecendo a instrucção num calor que não era de certo improficuo.

E' preciso, porém, ponderar que, entre as situações em que se pôde encontrar o homem válido, a do soldado é uma daquellas que é

Os elephantes morosos, atirados no meio dos exercitos inimigos para amedrontal-os e esparralhar os soldados assustados, e sobrecarregados de torres, onde munidos de flechas combatiam os valentes guerreiros da antiguidade, como se admira nas bellas descripções das vigorosas paginas de Salambó, estão substituidos pelos tanques inglezes—automoveis blindados, fortificações ambulantes, a marcharem com força irresistivel transpondo trincheiras, arrasando muros, derribando arvores com sua tromba de aço, no ranger sinistro dos seus movimentos pesados. Nos mares os temerosos *draughts*, cidadellas fluctuantes, assombrosas na deslocação e no poder do seu armamento, agilmente accionado; as torpedeiras esguias e velozes; os traçoceiros e frageis submarinos, representam maravilhosa concentração, dentro do casco rigido e espesso, ou do tegumento franzino e delgado, de multiplicadas machinas e apparelhos sensiveis, onde o saber humano se tem esmerado na realização de suas descobertas estupendas.

E o que dizer ainda dos engenhos que libram nas regiões das nuvens, theatro da espionagem desnorteadora, centro e guia dos movimentos das tropas, avisando a chegada das esquadras, ameaça feroz e agentes de violencias sem distincção, ou elementos de batallas encarniçadas, nas quaes como aguia ferida se despeña das alturas adensadas, em queda vertiginosa, o aeroplano mutilado, ou o dirigivel em chamas—destroços de uma lucta desamparada!

E o analfabeto não sabe tratar, não pode

senão incompleta e desastrosamente aprender a manejar com precisão a carabina aperfeiçoada, a orientar a pontaria do canhão, atirando a bala certa no alvo encoberto, guiado pelos calculos mathematicos, a dirigir o aeroplano, pois tudo isto necessita um certo gráo de saber que o illetrado não poderia adquirir.

E' certamente ocioso, por ser por demais conhecido, e por isso peço licença para repetir o dito do grande e competente general Moltke, o heróe das forças germanicas em 1870, depois da estrondosa victoria da Allemanha sobre a França, quando se lhe attribuiu o feito glorioso : «Quem venceu a França foi o mestre escola allemão.» Quiz com isto exprimir o illustrado chefe militar que a instrucção do soldado allemão deu-lhe uma superioridade tal que determinou em pouco tempo a assignalada façanha. Teve, por conseguinte, o vencedor dos francezes a oportunidade valiosa de verificar a differença e a vantajosa ascendencia de um exercito disciplinado, educado, sobre o de homens bisonhos, sem instrucção, que seja pelo menos a que se recebe no ensino primário rigoroso e obrigatorio da Allemanha.

Quando muitos annos antes a Prussia teve de cahir vencida deante da França, e não tendo podido a rainha Luiza, depois da batalha de Friedland, encaminhada ao quartel de Napoleão—o Grande, afim de conseguir uma paz mais favoravel, que seus esforços não conseguiram, declarou ao imperador Frederico Guilherme III, seu marido : «Precisamos adoptar uma nova educação e uma nova geração de homens». Em

tão enviou a imperatriz uma classe de estudantes prussianos para a Suíça, a Yverdon, afim de serem educados juntos ao grande Pestalozzi, cujos serviços á humanidade, da qual foi grande bemfeitor, lhe determinaram, depois de sua morte, a erecção de um monumento naquella cidade, e no qual se vê a seguinte inscripção :

«Henrique Pestalozzi, nascido em Zurich a 12 de Janeiro de 1746, morto em Brigg a 17 de Fevereiro de 1827, salvador dos pobres em Newhof, pae dos orphãos em Staus, fundador das escolas publicas em Burgdorf, mestre da humanidade em Yverdon.

Nada tendo feito para si e tudo para os outros».

Com esta acertada resolução da rainha começou, de certo, uma nova phase na educação do povo allemão, a qual deu em resultado o grande feito que terminou em Sedan e Metz.

A esse immortal educador e mestre, a quem mais honrosos não se poderiam inscrever os dizeres que transmitem a sua memoria aos homens, atravez de todas as gerações, com a mesma perpetuidade e indestructibilidade do proprio bronze, a esse immortal fundador de escolas se veio juntar naquelle paiz o famoso Froebel, bem conhecido dos professores, o qual completou Pestalozzi : «Elles eram independentes no pensar, differentes no methodo, mas um só no espirito».

A maior facilidade em comprehender e reproduzir o soldado os movimentos individuaes e collectivos, a estricta obediencia á disciplina que

a instrução e a educação imprimem no espirito, não como sujeição e subserviência, mas como processo de resistencia e de lucta, fizeram naquella grande paiz uma população valorosa na guerra, mais pelos recursos do saber do que pelo numero de homens.

Como, porem, havemos de chegar ao nobre desideratum de abolir o analphabetismo? Como conseguir o que conseguiram a Allemanha, a Suissa, e constitue o empenho esforçado de outros paizes?

Com o titulo «El Problema de la Educacion Primaria en la America Latina», o snr. Guillermo A. Sherwell, que foi chefe de secção da educação primaria da Secretaria da Instrução publica do Mexico, apresentou ao Congresso Pan-Americano, em Washington, um trabalho em que começa com as seguintes palavras: «Entre los asuntos escabrosos de la tierra los más difíciles son gobernar un pueblo y modelar un alma. Y, sin embargo, todo el mundo habla de politica y de pedagogia. Quizás esto haya obligado a muchos espíritos de pensar sereno y de sentir elevado a abstenerse con cierta amargura de hablar de dichas materias; pero como ellas figuran entre las ideas fundamentales de los pueblos, necesario es tratarlos, siquiera sea para poner cada cosa en su lugar, mientras llegan tiempos mejores en que sólo se levanten voces autorizadas para hablar de lo más difícil y sólo se presenten espíritos nobles para tratar de lo más sagrado.»

Parece-me que a ninguém mais do que ao orador cabe em cheio a censura que envolvem

as palavras citadas, ousando eu occupar-me desta «escabrosa, mas sagrada materia», havendo, no entretanto, neste meio, vozes mais autorizadas que della podessem fallar.

Para resolver o problema do analphabetismo, entre outras questões, duas são imperiosas e essenciaes:—tornar real e effectivo o ensino e disseminal-o por toda a parte. Para se conseguir um ensino real e effectivo, temos de tratar com dados de duas ordens a saber: - o agente, ou o industrial da instrucção—o mestre—, e o material com que se vae trabalhar—o discipulo ou a criança.

Formar o professor, fazer o mestre é o primeiro passo a dar por parte dos que se empenham nesta benemerita e pacífica campanha, na qual tem os governos o dever da iniciativa e do incentivo, que não dispensam o empenho e o esforço de todos os que se interessam pelo progresso e pelo futuro da patria. Nesta questão o mestre representa a força, a energia, a direcção. É' forçoso, porem, dizer que por toda a vastidão deste extenso paiz, salvo as raras excepções que se vão salientando e adiantando sobre os outros rotineiros e descuidados, não tem sido esse um trabalho dos dirigentes, com o intuito de disseminar e divulgar efficientemente o ensino. Gasta-se muito, sem proveito, para satisfazer a interesses subalternos, e se blazonar de trabalho em pròl da instrucção do pòvo, que continúa ignorante e analphabeto. A politica, ou antes, a politicagem, porque politica é a sciencia e a arte de governar, e governar é dirigir para o bem, para o progresso, para a perfectibi-

lidade, a politicagem, digo, tem frequentemente feito deste ramo do serviço publico meio de ganhar proselitismo interesseiro e satisfazer ambições indevidas. São desprezados nas investiduras a competencia e o saber, e não são efficazes as garantias que dão aos mestres, que constituem elementos dos mais uteis a uma sociedade bem organizada, a qual deve cercar o preceptor de respeito, independencia e segurança necessários ao proprio desempenho de suas nobres funcções. E' preciso instruir, e instruir bem o mestre nas materias que elle vae transmittir, principalmente a um cerebro em formação, no qual a impressão dos conhecimentos é a mais difficil, e nunca se sabe ensinar bem sinão aquillo que bem se sabe. Já Boileau o disse na sua arte poética :

«Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement,
Et les mots pour le dire arrivent aisément.»

E' preciso, por conseguinte, formar o professor, fazer o mestre, pois nem todos nascem com as inclinações naturaes e irresistiveis, como Pestalozzi e Froebel, os quaes seriam no entretanto inuteis á humanidade, se a grande instrucção que tiveram lhes não viesse aperfeiçoar as faculdades especiaes, desenvolver os centros cerebraes da dedicação, do affecto, do altruismo, que tão profundos, duradoiros e sempre crescentes beneficios deixaram ao genero humano. Ha, de certo, inclinações naturaes, congenitas, que fazem os grandes artistas, o gento; a potencia cerebral mais bem conformada, porem, se não tiver o polimento da instrucção, permanecerá toda a existencia como o diamante bruto.

incrustado na rocha matriz, ou no cascalho arrastado pelas correntes impetuosas, e nunca chegará a quebrar em seu seio a luz que o atravessa, chispando em sua decomposição as cambiantes fascinadoras das cores do espectro solar, se a mão do obreiro intelligente e amestrado não lhe talhar a superfície roliça em facetas systematicas e multiplas. Fazer, pois, o mestre, dirigir-lhe as inclinações, ou despertar nelle pelo estudo as qualidades didaticas, eis a grande necessidade, o serviço maximo para o emprehendimento collimado, que a pedagogia, como synthese de todo o trabalho, como sciencia normativa, aplaina e aperfeiçoa.

Ha no espirito humano uma curiosidade innata, que se transforma em sede de saber, á proporção que a instrucção lhe vae proporcionando a satisfação que causam os conhecimentos adquiridos. E' nesse conhecimento elle sente prazer em transmittil-os. Mas essa tarefa embaraçosa, quando se tem de levar os conhecimentos a espiritos despídos de todo o saber, comparaveis a um quadro negro limpo, no qual se vão traçar as primeiras lettras de uma phrase, ou as primeiras linhas de uma figura geometrica, não pôde realizal-a quem não tem o preparo sufficiente para escrever certo, ou riscar decidido e firme.

Para um ensino proficuo se faz mister e indispensavel o conhecimento do material que vae manipular o mestre, isto é, o conhecimento da criança, no seu desenvolvimento physico e psychico, para que a obra possa ser perfeita, como nas industrias há necessidade de distinguir e se-

parar os materiaes pelas suas qualidades, afim de poder o industrial, por tratamentos diversos, segundo cada sorte, conseguir um producto regular e seguro. Se o material é de primeira qualidade ter-se-á obra fina; mas é preciso de material inferior obter productos medianos, e isto só se conseguirá pelo conhecimento exacto desse mesmo material.

«O homem», diz De Sanctis, «não nasce adulto, e se poderia então pensar ser a infancia uma simples transição para a idade madura. Ao contrario, o menino não é um homem pequeno, mas um ser especifico e activo, porque tem em si a attitude que varia continuamente e se faz conhecer por signaes caracteristicos e diversos em todos os períodos evolutivos.»

Assim, é de absoluta e indispensavel necessidade e vantagem o conhecimento da criança em seu desenvolvimento corporal e intellectual. A instrucção e a educação começaram a tomar maior incremento e progresso com Pestalozzi, Froebel e outros mestres que a elles se seguiram, quando estudaram, observaram e fizeram porfioso exame a respeito da criança, até que um discípulo de Stanley Hall, Oscar Chrisman, criou o vocabulo novo—*pedologia*, ou sciencia do menino, comprehendendo o complexo dos conhecimentos positivos em torno da criança e do seu desenvolvimento.

O conhecimento da psychologia infantil, o exame das faculdades mentaes da criança, da retentiva immediata, estudadas pelos processos estabelecidos pelo americano Bolton, por Binet,

Henry, Bourdon, Winteler e Meumann, são de necessidade na instrução do professor, para que este aprenda «a proporcionar as tarefas segundo a capacidade de seus discipulos, e a não punir como negligente e descuidoso um menino que soffre de fraqueza de memoria, e poder evitar a cruel injustiça, que consiste em não attender aos esforços de uma pobre creança dotada de pouca memoria.» A energia psychica não se revela uniforme; todas as idades não são capazes do mesmo trabalho, como da abstracção, da synthese e das invenções originaes.

Compenetrado desta condição primordial e indispensavel a uma efficaz e boa instrução, qual é a existencia de mestres competentes, adestrados e adaptados á pratica do ensino, quando, em 1911, reformei a instrução deste Estado, esforcei-me por estabelecer disposições para formar o professor, dando-lhes a melhor instrução que permittiam as nossas condições de Estado modesto e sem pretensões de se igualar a grandes paizes, e representar no mundo o que paizes de civilização seculares representam na communhão das nações. Fiz vir de um outro Estado um mestre habilitado para remodelar os nossos professores e inicial-os nos processos modernos de ensino, instruindo-lhes sobre noções novas, methods modernos e racionaes, deduzidos do estudo das crianças, concorrendo por esse jeito a instrução de meio de desabrochar nellas a intelligencia, ensinando-lhes a attender, a comprehender, a raciocinar, poupando-lhes inuteis cansaços, pois que a instrução deve ser ministrada de modo a não perturbar

ou embaraçar, tanto o desenvolvimento physico como o intellectual do menino. «É preciso,» diz muito bem o professor Luigi Visconti, «que a escola abra á criança, gradativamente, a historia natural, as sciencias physicas, e as artes uteis; mas é necessario tambem que o ensino não seja uma vá tagarelice com a qual se ensina até causar tédio que a agua serve para se beber, o fogo para se aquecer e o pão para se comer.»

É verdadeira a expressão de que as crianças são grandes observadoras, no desejo de novas experiencias, que lhes dão aspectos particulares das coisas, e a outros escapam. Mas convém não esquecer, diz Visconti, que nellas as observações são fragmentarias, casuaes, interrompidas.

Precisamos, insisto, de professores.

É preciso por de lado o amor proprio enfiado e dissolvente, abolirmos as prevenções para com os bons serviços, despirmo-nos de falsos bairrismos, de vaidades demolidoras, afim de podermos instruir convenientemente o nosso povo, e então podermos nos vangloriar de nosso saber, da nossa competencia. Digo isto, porque me lembro bastante de censuras feitas ao meu proceder, a meu acto de contractar um professor paulista, que o governo d'aquelle Estado poz a minha disposição, affirmando-se que não precisavamos de elemento estranho para remodelar o nosso ensino, pois que tinhamos «bõa prata de casa» para utilizarmos com proveito. A menos que uma cegueira irremediavel não tenha inutilizado as vistas intellectuaes dos que assim se manifestaram, só a hostilidade injustificavel, ou o despeito

por um bom acto por mim praticado justificaria semelhante absurdo.

O imperecível e portentoso monumento que forma o direito romano foi o producto do estudo das civilizações de diversos paizes, para onde foram mandados os mais competentes romanos para se assenhoriarem, entre outros povos, dos costumes, dos progressos, dos adiantamentos de outras nações, e que trouxeram para o proprio paiz as ideias avançadas, que permitiram construir o gigantesco corpo de leis, que ainda hoje as sociedades modernas admiram e ensinam, constituindo nas Faculdades de Direito de todos os paizes cadeiras especiaes de Direito Romano. A celebre muralha chinesa conservou por muito tempo aquelle paiz em deploravel atrazo, sequestrado da communhão do resto do mundo.

O Japão, porém, ganhou o terreno espantoso que a todos maravilha, quando levou para o seu territorio professores de outras nações, e mandou instruir seus filhos em paizes adiantados. E' preciso não confundir patriotismo com infatuação e soberba, ou por antipathia pessoal, por hostilidade de politicagem combater o que é bom e fecundo. Presenciei nos poucos dias que tive a fortuna de estar na America do Norte, á qual me refiro, não por presumpção de turista, mas para reforçar minhas asserções com o meu proprio testemunho, o exemplo de uma nação grande, que quer ser maior, e ha de ser, pelo patriotismo de seus filhos, preoccupados com a grandeza futura de seu paiz. Está chamando as atenções do mundo, por exemplo, o Instituto Rockefeller, de New York, fundado pela benemerencia de um

particular desse nome. São professores nesse Instituto um sabio allemão, o Sr. Jacques Loeb, encarregado ali dos trabalhos de biologia, e que já se tinha feito notavel, e por isso occupava naquelle paiz a cadeira de physiologia da Universidade da Pensylvania, quando fôra convidado para o Instituto; ensina no mesmo estabelecimento a cadeira de cirurgia experimental o celebre francez Armand Carrel, que foi aggregado da Faculdade de Lyão de onde foi tirado para realizar entre os yankees os seus prodigiosos trabalhos de enxertia, e que já lhe dêra o premio Nobel, de sciencias, alguns annos atraz. Os trabalhos de bacteriologia estão alli a cargo do medico japoniez Noguchi, conhecido do mundo inteiro pelos seus trabalhos, descobridor do microbio da syphilis no systema nervoso e emulo de Wassermann no reconhecimento do virus luetico no organismo. Em varias Universidades do grande paiz ha professores estrangeiros. Dois nossos patricios já para alli foram convidados para lecionar materias que dizem respeito ás nossas coisas. Por duas vezes o dr. Oliveira Lima fôra fazer cursos na America do Norte, a primeira vez na Universidade da Pensylvania, e depois na Universidade de Harvard, onde o encontrei.

Ultimamente foi o dr. Helio Lôbo para esta ultima Universidade. E é assim que a nova geração vem pujante e instruida, formando-se uma pleiade, de sabios americanos de nascença, e que se educaram sob os auspicios desses sabios estrangeiros, atrahidos ao grande paiz que em breve dará ao mundo o grande spectaculo

de um notavel progresso scientifico, para o que trabalha seu povo com todo o esforço, sem indagação de raça ou proveniencia, mas do saber, da capacidade, da competencia.

Ouvi com admiração e respeito o digno marinheiro, que foi o almirante Marques de Leão, uma das mais nobres figuras do Brasil nestes ultimos tempos, cuja celebre carta ao presidente da republica, devolvendo-lhe a pasta de ministro para não se sujeitar a mandar bombardear uma cidade aberta, desarmada, de seu proprio paiz, e que ha de constituir uma cartilha de patriotismo, elevação moral, e civismo, ouvi, repito, do distincto almirante Marques de Leão, em justificativa á Introducção do seu Relatorio ao Congresso Federal, pugnando por uma missão estrangeira para instruir a nossa marinha de guerra, que, quando o marechal presidente da Republica fazia objecções sobre essa missão, dizendo que os nossos officiaes não quereriam servir sob as ordens de officiaes estrangeiros, respondêra o digno e bravo almirante: «Deixarei a pasta de ministro e serei o primeiro a servir sob as ordens da missão, pois nós precisamos reorganizar a marinha de guerra e temos necessidade de formar almirantes».

Nobilissimo exemplo de amor á patria, pondo acima do seu amor proprio a necessidade de dotar a nação com uma marinha digna deste nome, e exercitada segundo as mais aperfeiçoadas do mundo.

Aos que visitam o grande Estado de S. Paulo, se lhes chama logo a attenção para a polleia paulista, que de facto faz honra a qualquer paiz,

e actualmente sob a direcção de officiaes brasileiros ; por mais de 15 annos, porém, foi ella instruida por officiaes francezes que, só se retiraram do paiz, porque o grande conflicto mundial, no qual se acha empenhada a França, os chamou para as linhas de fogo, deixando, porém, naquelle Estado brasileiro uma policia instruida e disciplinada. Foi no mesmo Estado que uma grande educadôra americana, Miss Brown, concorreu poderosamente para levantar a instrueção ao nivel em que se acha, sendo hoje esse Estado o viveiro onde se vae buscar pessoal competente, professores capazes, e onde fui requisitar e contractar o dr. Carlos da Silveira, que deixou aqui tão magnifica impressão e beneficios de sua rapida passagem, e onde já haviam outros Estados ido buscar elementos para reconstruirem a sua instrueção. Hoje todos lamentam a sahida do professor competente, que infelizmente recusou voltar ao Estado, por convite louvavel do actual presidente, resentido, talvez ainda, da desacertada demissão, uacompanhada, para a justificação de um acto mal inspirado, da inconsistente invenção de que o illustre professor não era mais do que um desvalorizado, protegido do amigo meu, ao qual eu queria dar meio de vida, o que determinou, ao solicitar aquelle professor a rescisão do contracto, dizer em altiva e digna carta ao presidente que o demittira, que «em tempo declarava que veio a Sergipe indicado pelos seus superiores de S. Paulo, tendo tantas relações com o governo que havia sahido como com o governo em exercicio».

Garantida a instrueção do mestre, a qual

dêve ser completa, solida, nas materias que constituem as exigencias actuaes de um bom ensino primario, de modo que não seja sophisma, uma illusão o titulo adquirido na Escola Normal, tem o governo de fazer a disseminação da instrucção, ou de constituir o seu professorado, pois que «a diffusão do ensino não é mais um problema pedagogico, mas sociologico e legislativo». Penso que o concurso ainda presta no nosso paiz grandes serviços, apesar dos defeitos que se lhe possam apontar. Os absolutamente incompetentes se afastam naturalmente dessa prova publica, sem a qual elles em alguns casos teriam a preferencia e seriam providos victaliciamente. De qualquer modo, porém, que seja feita a escolha do professorado, esta deve obedecer ao criterio da selecção. Um bom professorado, diligente, dedicado, cumpridor de deveres, habilitado, eis o grande passo para a disseminação da instrucção, para o combate a esse analphabetismo, que constitue doença maligna, que arruina a nação, deprime o paiz, annulla o individuo. Haverá, de certo, condicção mais digna de lastima do que a do individuo que não sabe ler, nem escrever, impossibilitado de se comunicar em reserva com um amigo ausente, apreciar por si as noticias que todos os dias, em despachos telegraphicos, nos instruem do que pelo mundo se passa, sem poder illustrar o espirito nas grandezas de uma sciencia, nas bellezas de um romance, vivendo sequestrado no meio de seus semelhantes, sem aspirações, sem recurso para progredir, podendo ser caganado por qualquer esperto, que mais ditoso, tenha conse-

guido aprender a leitura e a escripta ? E nunca o analfabeto concorrerá para o engrandecimento de sua patria, na defesa de um principio, no combate de ideias adiantadas, sem conhecer os seus direitos, nem, portanto, submettendo-se á lei como um dever, mas como um paria, um escravo, um automato. E no meio de um povo desta natureza jamais uma civilização se ha de apurar, vivendo o paiz sempre no obscurantismo, no abatimento, na miseria, exposto á compressão dos despotas, anarchizado pelas facções dos caudilhos, ou subjugado pelos tiranos.

Neste particular da escolha do professorado até certo ponto nos podemos comparar a outras nações da America de origem hispanhola, as quaes continuam a viver na ignorancia e na alternativa da dictadura e da anarchia, como a Mexico. No mesmo trabalho, ja citado, e que fôra lido no Congresso Pan-Americano, encontramos ainda trechos que se podem, com justiça, applicar a muitos dos Estados brasileiros, onde nenhum serviço publico tem aos olhos de administradores desabusados outro prestimo que o de multiplicar emprugos.

Depois de examinar alguns males que embaraçam a instrução publica em sua patria, diz o sr. Guillermo A. Sherwell : «*Dos defectos más hay que agregar a éste entre los notables. Es el primero el que condensariamos en la palabra politica, y el segundo el que cristalizaríamos en la palabra amistad.*

«Noble es la politica alta, constructora ; la que ve a los lejos y trabaja para un porvenir mejor ; la que hace abstracion de unos quantos

individuos o de un partido para atender a los intereses de toda la comunidad ; pero es poco estimable la que consiste en luchar por el triunfo de unas pocas personas y por la division de los empleos publicos entre partidarios más ou menos ineptos, que convierten dichos empleos en sinecuras y dejan que la nacion ruede a un abismo. El Gobierno se cree con derecho a utilizar a los maestros en servicio del poder, y muchos de éstos se muestran ansiosos por manifestar adhesiones productoras de ascensos, que no pueden adquirir por aptitudes técnicas, de las cuales carecen o que no son estimadas debidamente. La amistad con los que mandan es tambien una grande productora de empleos y de promociones, y no es necesario expresar los resultados fatales de este sistema.

«Non veo mejor solución para estos máles que una legislación aplicada honradamente, por la qual se creen organismos que se moderen mutuamente y que mutuamente se eviten la comision de arbitrariedades en la concessión de los empleos ; y por la qual se obligue a los maestros ya empleados a mantenerse a cierto nivel de eficacia para conservar sus puestos, y a demostrar ciertas excellencias para obtener los ascensos.

«Di este modo ni la antigüedad sola, ni la politica, ni la amistad en niangun caso, seran factores que influyan en la organizacion de las escuelas y la excellencia del personal educativo.»

A obrigatoriedade do ensino primario é

uma condição que considero indispensável também para uma larga disseminação da instrução. Ella existe em paizes adiantados, como a Alemanha, que por isso pôde abolir a chaga do analfabetismo, e se faz muito mais necessaria num meio como o nosso, de uma grande percentagem de paes analfabetos, ou pouco cultivados, e que não são consequentemente ciósos da instrução dos filhos. Já na reforma que decretel havia consignado a obrigatoriedade do ensino primario, que a Assembléa, na approvação da lei, supprimiu por ser contraria á Constituição, que nas suas disposições estreitas e individualistas, em vez de preceitos geraes que possam permitir reformas que a experiencia mostra convenientes, e executadas em leis ordinarias, torna-se um tropeço do desenvolvimento de boas e uteis medidas. E' preciso, pois, compellir os paes a mandar os filhos ás escolas, devendo por sua vez e de todos os modos os governos facilitar material escolar aos meninos pobres, auxiliando aos destituídos para que possam frequental-as, o que tive em vista quando na minha reforma institui o fundo escolar.

«A escola elementar deve formar o primeiro estadio de todas as ordens e classes de escolas; dêve ser a base forte e segura de todas as outras; dêve reunir todos os homens na consciencia do mesmo fim; dêve ser a unica escola nacional commum a todos e tornar todas as crianças participes dos beneficios da cultura. De tal modo, tornará possivel a todos o desenvolvimento harmonico de cada funcção verdadeiramente humana, impedirá as opposições e as dif-

ferenças de pensamento e de sentimento entre as diversas classes, annullará effeitos dos antagonismos economicos, politicos e religiosos, e despertará o sentimento de solidariedade e de cooperação entre todos os homens. Por isso é que ella dêve ser obrigatoria para todos, afim de que, ao menos nas primeiras edades, haja uma vida commum entre os cidadãos, e afim de que possam conhecer, apreciar e amar as crianças pertencentes ás mais apartadas classes sociaes, lançando assim sementes de amor, e de concórdia, que serão o melhor remédio para obstar a presente guerra social.»

Um problema connexo ao da instrucção, e que dêve ser cuidade com carinho na escola, continuando a acção do lar, é a educação, ou o problema da formação do cidadão, utilizando o mesmo material plastico e a sua disposição—*cereus in vitio flecti*—molle como a cêra e inclinado ao vicio, do velho Horacio, para nella inculcar o amor á virtude, e o desejo do bem. Já na palavra virtude se contem originariamente alguma coisa de viril, de firmeza e fidelidade sem o que, diz Förster «não passaria de um capricho ephemero do coração.»

«A educação é,» segundo Giovanni Césca, «o conjuncto das acções que se exercem sobre um individuo ainda immaturo para apressar e melhorar o seu desenvolvimento organico e psychico, e para o tornar mais apto a viver no ambiente physico em que se encontra e na sociedade de que faz parte.»

«A obra do educador só se torna efficaç e dá bons fructos depois do conhecimento exacto

do estado psychico do educando, e depois da escolha cuidadosa dos meios mais adequados e opportunos, o que se obtém exclusivamente na educação individual, onde ha contacto pessoal immediato e directo entre o educador e o educando.»

Deve consequentemente ser o mestre factor predominante na formação do character, ensinando ao discipulo o cumprimento dos proprios deveres, sem se inquietar com os rumores e as troças daquelles que, não podendo realizar uma carreira digna, alliva e virtuosa, mofam dos bons, e os querem arrastar para o máo caminho, enxergando na diffusão do mal a justificação de suas faltas, de seus defeitos e deslises, como a rapoza da fabula, que, havendo perdido a cauda em uma armadilha, aconselhava ás companheiras cortarem todas as respectivas caudas— «porque desse modo havia mais desembaraço no correr, e se fazia melhor figura.» Ao envez desse parecer velhaco e arruinador, o que é preciso é compenetrar-se o homem do conselho de Virgilio a Dante, nas paginas sublimes da «Divina Comedia».

«Vien dietro a me, e lascia dir le genti :
Sta come torre fermo che non crolla
Giammai la cima per soffiar de' venti».

(Segue-me, e deixa que fallem. Fica como torre firme que não se abala com o soprar dos ventos.)

«Não se deve confundir», diz ainda Césca, «a educação intencional com a instrução esco-

lar, pois que esta presuppõe a obra d'aquella, de que é a extensão e o complemento numa só direcção especial. A escola é um meio poderoso para estender ás classes inferiores, e para transmittir ás novas gerações os conhecimentos adquiridos pela humanidade no seu desenvolvimento; mas se chega a enriquecer a memoria e a desenvolver a intelligencia, tem, todavia, uma acção bem limitada sobre o sentimento e sobre a vontade, os quaes requerem uma acção directa e uma direcção vigilante e continua, que só pode ser dada individualmente pelos paes e pelos educadôres.

É reconhecido por todos a inclinação das crianças para a mentira, que na maioria dos casos depende tanto da força inventiva da imaginação quanto da pusillanimidade.

É preciso cultivar no espirito da criança a sinceridade, «que é a mais alta prova, o mais seguro indicio da coragem». Dante figura bem os mentirosos como homens sem face, que perdem a personalidade, — que não ousam mais ser «os proprios», e por isso a expressão do seu rosto torna-se irreconhecivel.

É preciso inculcar no espirito do menino que é uma prova de animo viril a confissão intrepida das proprias faltas e acções más, e que a mentira deve ser tida em conta de uma diserção traiçoeira e covarde.

É util combater no espirito da criança, até mesmo aquellas mentiras que os pedagogistas denominam heroicas, como demonstração de solidariedade, no sentido de salvar companheiros de faltas commettidas.

Schopenhauer considera bem toda a mentira como tendo por principal determinante o medo, a falta de energia e de independência pessoal. E nada contribue tão eficaz e seguramente para dar á vontade pessoal verdadeira independência e energia quanto a educação do sentimento da sinceridade.

«Falla-se tanto», diz Förster, «da escravidão do passado, e não se pensa que o mais grave obstaculo á autonomia individual não reside na escravidão exterior, mas em ser o homem interior, accessivel á sugestão das paixões, dos juizos e dos prejuizos da collectividade».

Guai, oh guai alla menzogna, essa non dá salvezza ! Exclama Goethe, na Iphigenia.

(Ai ! da mentira que não traz salvação) !

O grande Pestalozzi havia dito :—«Uma epocha pode ter feito progresso gigantescos no conhecimento da verdade, mas estar todavia muito atrasada na vontade do bem». Esta grande verdade se manifesta em cheio no tempo presente, no qual a delinquencia infantil apavora os philosophos socialistas e criminologistas. Por isso disse com grande segurança e propriedade o pedagogista Trüper, nos seguintes termos :

«Attendendo ao grande augmento da delinquencia dos menores, e ao grande desprezo na vida publica pela acção educadôra, é de imperiosa necessidade que o tratamento do senso moral infantil torne-se objecto scientifico e de cuidados praticos não menos que o tratamento do corpo e da intelligencia.

No julgamento do valor pessoal de uma criança não convém attribuir importancia exclu-

siva, nem mesmo predominante, á actividade do corpo e da intelligencia, mas ter em igual conta a natureza moral, e fazel-a objecto primario da educação».

A criança se desenvolve sob o influxo das leis da adaptação, do habito e da variação. No seu trabalho vigoroso e fecundo Stanley Hall, examinando a adolescencia em relação ao delicto, á moralidade, á religião e á educação mostrou com vasta deducção dos factos e exemplos que os instinctos e impulsos naturaes são reforçados e grandemente desenvolvidos pelo ambiente. «Quanta commoção», exclama Luigi Vicenti, «em ver passar diante de nossas mentes figuras pallidas e tristes de jovens existencias vicimas da officina, do laboratorio e das ruas, que a familia não soube educar e que a sociedade não tem sabido salvar!»

«A escola,» disse Levy, na sua *Educação moral da vontade*, «que absorve de modo quasi exclusivo a vida dos meninos, precisamente no periodo de desenvolvimento, que exercita uma influencia tão decisiva sobre toda a sua vida physica, tem por isso de cumprir, uma missão medico-pedagogica da mais alta importancia, uma missão de indole profilatica e therapeutica, a qual se deve esforçar em lançar as bases moraes da saúde physica e nervosa, utilizando todas as occasiões de favorecer a formação do character.»

E aqui, como condição primordial, se faz necessario um gráo de alta moralidade do mestre, cuja conducta influe de modo poderoso sobre as faculdades do discipulo. «O mestre deve personificar o decôro da auctoridade, o calmo equili-

brio de toda ordem verdadeira. O mestre sem dignidade é a ruína do character dos discipulos.»

Os discipulos irão formar a nacionalidade, e a formação das novas gerações é empreza que requer homens penetrados de ideaes nobres, nutridos de pensamentos sãos e elevados, inspirados no amôr, que constitue o laço intimo e seguro entre os homens.

«Quem quer ser temido procure fazer-se amar.»

Não é pois uma extravagante doutrina ou de romance o aforismo—*a virtude se ensina*, diz bem Geovanni Marchesini, e por isso, continúa o autor, é preciso que a educação seja regulada por criterios especiaes praticos, derivados de uma concepção positiva da natureza do educando. Entre as necessidades imprescindiveis para se obter vantagens da educação é preciso antes de tudo conquistar o coração da criança, é já dizia Xenofonte—«nada se pode aprender de um mestre que se não estima.» Fazer-se amado dos discipulos, tratal-os com brandura e respeito, com affecto e dignidade, com benevolencia e justiça, com paciência e firmeza, são condições essenciaes ao mestre que queira tirar proveito do seu trabalho, do seu esforço. O espirito da criança é sobretudo imitativo; tirando vantagem do inconsciente na vida do educando, precisa o mestre se mostrar por palavras e praticamente um modelo a seguir, pela influencia poderosa do espirito do mestre sobre o do educando.

«E' uma vergonha,» exclama o grande Pestalozzi, «deixar crescer a erva daninha até

ficar bem viçosa, e depois incumbir a justiça publica de grunhir «tra la perduta gente,» como porca selvagem no meio do trigo, e se cré haver assim executado a mais sabia obra de legislação civil.»

Para avaliar do effeito moralizador da escola, das suggestões beneficás do mestre digno sobre os meninos, da influencia do professor sobre os discipulos, basta attender ao que se conta dos resultados dos jardins da infancia, sob a direcção de Froebel, onde, entre mais de 10.000 crianças filhas de operarios, que alli receberam educação, só um foi preso, e absolvido.

«O levedo fermentava a massa e o espirito dos mestres se tornou o poder dirigente dos discipulos.»

E' dever precipuo do mestre despertar no espirito dos alumnos, pela palavra e pelo exemplo, o sentimento de autonomia e responsabilidade. Diz Harris: «A escola americana é fundada no conceito da maior importancia da educação moral sobre a intellectual. A autonomia, que é a base da nossa educação politica, deve tambem se tornar a base da nossa vida individual».

Harvey escreveu: «A funcção do mestre consiste pois, não em reprimir o intenso desejo da autonomia e da liberdade de acção nas crianças, mas em purificá-lo, não em destruí-lo, mas em nobilitá-lo.»

Ao lado da autonomia se deve despertar no discipulo o culto da responsabilidade, e não fazel-o temer, ou incutir-lhe horror, na phrase de

Emilio Faguet, em responder em toda a plenitude pelos seus actos. «Os meninos, lê-se no livro de educação—*Tom Brown schooldays* (Quando Tom Brown frequentava a escola), seguem um ao outro como carneiros, no bem e no mal; não sabem pensar e não têm ainda um pensamento solido. Para isso influe poderosamente a boa ou má natureza de quem se põe a sua frente como guia».

O educador e a sociedade toda, com as suas precisas reacções, devem oppôr uma tenaz e vigilante resistencia á tentativa por qualquer modo expressa, ou mesmo tacita, de subtrahirse á responsabilidade, são palavras de G. Marchesini. E' preciso fazer comprehender aos jovens como esta tentativa é abjecta e corruptôra.

Desde que a autonomia do individuo não seja fortificada no mais alto gráo, a vida em commum na escola contribuirá na realidade para destruir toda a educação, e a formação da consciencia, e do character.

A consciencia da responsabilidade, diz Förster, é de uma efficacia regeneradora maravilhosa, mesmo sobre caracteres muito heterogencos.

São ainda de Cesca as seguintes palavras : «A educação social tem uma tarefa mui diversa da antiga e muito mais importante. Ella deve ter sempre presente que a sociedade é uma organização ethica, que não existe separada dos individuos que a compõem, mas consiste na vontade de se unirem e de cooperarem para o bem commum, e por isso, longe de lhes fazer perder a liberdade e a autonomia, e de os transformar

em automatós docéis e passivos, deve tender a conservar e a reforçar a sua personalidade.

O culto da justiça deve ter na escola os seus primeiros fundamentos, despertando o mestre no coração dos meninos o respeito pela maxima de Christo—«dar a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.» Nenhuma virtude concorre mais poderosamente para o respeito aos semelhantes, a solidariedade social, a organização das nações, a bôa ordem de um paiz, a sua segurança interna, a consideração dos outros paizes. Um paiz sem justiça é a desordem, o latrocínio, a luta, a hostilidade, a miséria moral, a ruína.

«Uma sã educação intellectual,» escreve Luigi Visconti, «deve tambem despertar no menino a clara e justa percepção da vida. A escola deve concorrer para a formação do bom senso, deve formar homens que, especialmente em materia de conducta, saibam distinguir o essencial do accessorio, escolher entre os diversos partidos aquelle que dará a maior somma de bem, e prever as consequencias dos proprios actos.»

Consequentemente, como a mais importante tarefa dos paes e mestres, devem elles vigiar, estimular, fortificar e dirigir a vontade da criança de modo a collocal-a em condições de se governar, de poder dominar os seus impulsos, as suas emoções, de sorte que sejam despertadas em seu espirito a energia, a coragem, a iniciativa, a perseverança, a segurança de vista, que uma educação bem conduzida não destroe, antes avigora pela disciplina da vontade do me-

nino, a qual seria desordenada, enfraquecida, ou obstinada se se a deixasse entregue a si mesma.

É só por esse modo se poderá realizar a grande predição das sábias e verdadeiras palavras contidas no seguinte verso:

Che non puó un alma ardita
Se in forte membra ha vita ?

(Que não poderá uma alma afoita, quando ha vida no forte organismo?)

Senhores, reconheço que estou importunando a vossa paciência com uma dissertação sobre assumpto que bem sei está nas vossas consciências, e cuja vastidão é tal que, se eu pudesse e soubesse tratal-o com o desenvolvimento merecido, seria interminavel.

«O bom senso», diz Descartês no seu famoso Discurso sobre o Methodo, «é a coisa do mundo mais espalhada, pois cada qual pensa possuir delle uma tão boa provisão, que os mais difficeis de contentar em outras coisas não costumam desejar maior porção do que aquella que julgam possuir. Nisso não parece que todos se enganem; mas antes prova que o poder de bem julgar, que é propriamente o que se chama bom senso ou razão, é naturalmente egual em todos os homens; e assim é que a diversidade de nossas opiniões não provém de serem uns mais razoaveis do que outros, mas de conduzirmos os nossos raciocinios por vias diversas, e não considerarmos as mesmas coisas. Não é bastante ter o espirito bom, mas o principal é applical-o bem.»

E eu não podia estar fóra da grande verdade, da sabia proposição do philosopho francez, e só a presumpção de possuir tambem a minha dóse regular de bom senso, levou-me a accceitar esta honrosa incumbencia, sem reflectir que a expressão «bom senso» tem actualmte uma outra significação pratica, e quer dizer cautela, *savoir faire*, *savoir vivre*, accommodação, conveniencia. O homem de bom senso, neste sentido, não se arrisca a estas posições de evidência, sempre as mais perigosas na guerra, e por isso não abre a bocca senão no sentido do louvor, do elogio que sempre agradam tanto quanto desgosta a censura, acima da qual todos se julgam collocados. A franqueza e a sinceridade com que são tratados os mais vitaes problemas sociaes é muita vez motivo para segregações pela ousadia, ou castigo pela offensa áquelles que se julgam infalliveis nas suas determinações, ou intângiveis nos seus caprichos e velleidades. Mas se «a mentira não traz salvação», a hypocrisia, o desfarce, os applausos fementidos e interesseiros nada constróem, e tudo corrompem e arruinam. Sempre cultivei a sinceridade e a franqueza de minhas opiniões, que são a minha fortuna e a minha riqueza, e jamais toleraria não ter a liberdade de emitil-as. Já estou velho para encetar carreira nova, e como Galliléo sempre affirmaria *o pur sí muove*. As minhas ambições se acham profundamente cerceadas e reduzidas.

De outro modo não nos affirmariamos como homens, mas como sombras, e nunca chegaríamos a constituir uma sociedade da qual se

podesse dizer com G. Marchezini : «Tudo o que nos commove, desde a palavra scintillante de sabedoria e de moral candida, desde a acção heroica, desde as victorias mais celebres até aos infortunios mais afflictivos ; tudo o que proclamamos sagrado e inviolavel como a fé jurada e o direito natural, a magestade da virtude, a resistencia inabalavel da dignidade, o orgulho da intrepidez, são outras tantas revelações da nossa humanidade, e titulos indeleveis da supremacia do homem no universo.»

O amor a este torrão, cujo progresso e adiantamento reaes sonho em todas as phases da minha vida, somente este amôr inspiraram-me as palavras que acabo de proferir. Mas este amôr nunca me levaria a occultar ou mascarar o que elle tem de mau, seus defeitos e faltas, chamando beneficios o que são males, pois d'ahi nunca nascerão estimulos para melhorar. Jamais tambem lhe deprimi as glorias para satisfazer sentimentos subalternos. Ficarei orgulhoso e contente se as minhas palavras despertarem energias proficuas ao problema aqui tratado. Se autoridade eu tivesse, appellaria para todos os sergipanos, pedindo-lhes que num esforço commum, sem prevenções, nem odios, sem refulhos, nem perfidias, sem vinganças, nem injustiças, sem favôres dissolventes ou protecções corruptoras, enfrentassem com coragem e isenção, governo e povo, o problema da instrucção, que será a fonte legitima da nossa elevação e grandeza, tendo somente diante dos olhos a imagem sacrosanta da patria.

Aos mestres eu direi :—tornae-vos dignos

das palavras sublimes que Victor Hugo colloca em suas boccas: « O' mães de corações profundos, deixae-nos os vossos filhos; lhes daremos bons pensamentos, e mudaremos em alegrias as suas dôres, e Deus se fará visivel a seus olhos. Sejamos nós as flores, as auroras, os bosques, os campos, sejamos a natureza e a fonte eterna que executamos a educação de todos os espiritos ».

*
* *

Mens señôres, algumas palavras ainda: não sei o que mais me domina e commove neste momento, se a honra que a generosidade do Instituto Historico e Geographico de Sergipe acaba de me conferir, reunindo-se em sessão especial para me ouvir na conferencia cuja leitura agora termino; se este auditorio tão numeroso e selecto: ou se a graça e o eucanto de minhas distinctas patricias—senhoras respeitaves e gentis senhoritas, comparecendo a esta reunião, emprestando-lhe a magestade e o adorno de suas presenças, e á minha pessoa o favôr, o carinho e o conforto de seus corações magnanimos.

Sinto-me sempre contente e satisfeito quando me encontro no meu Estado natal; taes as provas de sympathia com que aqui sou acolhido, que me não apercebo do correr veloz do tempo, e me esqueço de que o mundo vae além dos estreitos limites que traxaram a Sergipe.

Pauto a minha conducta pelos preceitos da moral e da honestidade, que no dizer de Förster, é sempre a melhor politica; na minha profissão procuro cumprir o juramento prestado, quando

me foi conferido o grão de doutor em medicina, de exercel-a com honra e dignidade; mas quando nos meus poucos momentos de recolhimento faço um exame de consciencia e passo uma revista retrospectiva na minha vida, só encontro uma explicação cabal para tanta generosidade, a qual se origina da excessiva bondade e grandeza d'alma dos meus patricios,

Não se pense que estou a fazer elogios cavilhosos, ou afagos interesseiros ao povo de Sergipe, do qual se me afastaram as vicissitudes da vida, jamais delle me ausentei pelo espirito e pelo coração. De algum tempo para cá vive entre nós um jovem patricio e estimado amigo meu, o qual ouviu de um advogado bahiano, com quem tracei relações longe da patria, «que eu tinha a obsessão de Sergipe, e em toda aconversa sempre achava meio de fallar da terra natal.» «E, essa obsessão», escrevia-me o Dr. Firmo Freire, em meados de 1914, «é correspondida pela veneração que o povo de Sergipe tem pelo seu nome. Quando aqui vier receberá por onde passar verdadeira apothecose».

De facto: quando pela primeira vez, depois de ter deixado o governo, aqui vim em Outubro d'aquelle mesmo anno, tive manifestações de apreço jamais vistas, das quaes nunca me esquecerei, e sempre as farei lembradas como marcando umas das phases mais memoraveis da minha vida, e isso em occasião em que eu não tinha parcella de auctoridade, não podia fazer favôres, ou dar esperanças, que sempre fazem proselytos.

As minhas ambições, tive occasião de dizer,

são restrictas: não colloco, como nunca colloquei as muitas pretensões sob a protecção indecorosa da lisonja, da hypocrisia, ou da subserviência, comparada por Shakspeare á escada pela qual sobem as ambições nascentes e novas, e para a qual volta o rosto quem a sóbe, e dá-lhe as costas, quando lhe attinge o tópo. Filho da pitoresca cidade de Propriá, banhada pelo magestoso S. Francisco, com elle aprendi a não me voltar para traz, seguindo o seu exemplo na marcha constante na mesma direcção, sem retroceder nem esbarrar, purificando as suas aguas nos varios tropeços e multiplicados embargos que lhe agitam a corrente, mas não lhe desmandam o curso.

Não encontro palavras, não acho termos com que externe a este Instituto, a estas senhoras e senhoritas, que como estrellas e flôres vieram dar brilho, realce e perfume a esta reunião, a este numeroso auditorio, o meu profundo agradecimento, e reverente diante de tanta fidalguia, peço-lhes que acceitem como sinceros os protestos de minha gratidão.





CAUSAS DA EXPANSÃO TERRI-
TORIAL SERGIPANA E SEUS CONSECTA-
RIOS JURIDICO-SOCIAES



*Conferencia realizada no salão do Instituto
Historico e Geographico de Ser-
gipe, aos 25 de Abril de 1916,*

PELO

Dr. Prado Sampaio



Exm. Sr. Presidente do Estado.

*Exm. Sr. Presidente do Instituto Historico e
Geographico de Sergipe.*

Exmas. Senhoras,

Meus Senhores.

E' sempre dominado por extraordinaria
emoção que o meu espirito se volta para a terra
bem amada, e procura estudar, nas manifesta-
ções de seu povo, o evolver de idéas e senti-
mentos que o differenciam, individuando-o, como
unidade elementar no seio da Federação Brasi-
leira. Confesso então que a minha pouco ames-
trada penna de critico social não raro se trans-
forma na penna insoffrida do chronista que, a

deslizar sobre o leve dos acontecimentos, deixa afforar no papel lembranças emmudecidas e recalçadas no intimo, banhado pelo suave alvo-rejar de encantadora manhã.

E bem antes que a phrase, a primeira linha perfilada me cáia do bico da penna, vêem-me naturalmente á memoria, a enchel-a de *ôric-á-brac*, trechos sentimentaes, intimos acórdes que a alma vibrou, embalsamada pelo perfume da primeira saudade que se esfolhou á recordação do primeiro amor; o que importa dizer que— aos olhos do meu espirito—descerra-se illuminado o poema da mocidade que o meu coração não soube escrever, mas cuja inenarravel doçura me será indelevel ao sentir durante a vida.

E, desta arte, comprehende-se que, nesses momentos de expansão espirital, todo e qualquer trabalho que por ventura, eu possa e venha a produzir, se reduzirá a simples paginas de album ou a rapidas e fugitivas impressões de artista, por não conseguir apanhar da existencia, do nomenal ou do phenomenal, rião o rapido e fugaz instantaneo que, em exame superficial e inattento, empresta á comedia dos enganos o seu aspecto kosmico.

No entanto, não será verdade, interrogo eu, que o mais bello dos paradoxos, para fallar com T. de Banville, consiste precisamente em considerar que a critica para ser justa deve ser parcial e apaixonada?

Eu o creio, firmemente o creio-me, confiante nessa creença, quer bem me parecer que ninguém se ache em melhores condições do que eu para ser justamente parcial e apaixonado, desde que

me impressione a palavra fallada ou escripta o estudo de quaesquer que sejam as manifestações do povo sergipano.

É afim de comprovar este meu asserto, peço permissão para lembrar que, desde o anno da graça de 1891, eu me hei devotado á analyse de tudo que se refere á nossa terra natal, contemplando-a sob as mais variadas feições: a principio, com olhos de poeta, embevecido na contemplação dos encantos da nossa natureza, sentindo com Santa Rita Durão que «não ha depois do céu mais formosura»; e, em seguida, com olhos de scientista, a traçar a psychologia de seu povo no seu movimento evolucionario, sob o ponto de vista ethnographico, afim de apprehender-lhe a trajectoria que o conduz á Promissão do futuro. A documentação, que me será facil de exhibir, importará ao certo a prova provada do que allego. Eis-a: Foi em 1891, como eu disse, que effectivamente iniciei a analyse da nossa poesia, partindo do que diz respeito á lyra popular, ao nosso *folk lore*, ás nossas dansas e lundús, ás variadas produções do genio anonymo sobre o assumpto, e demandei á conclusão de que o sergipano, attentas as suas condicionalidades psychicas e sociaes, cêdo deixou entrever, com radiosa claresa, na sua musica e na sua poesia, o lyrismo das nossas paisagens, a harmonia dos nossos passaros e o scintillar brilhante do sol que fecunda as nossas almas como fecunda os nossos campos, que nos illumina o pensamento como illumina a pureza dos nossos céos; e que, finalmente, as mutações da poesia nacional, em duas phases assignaladas—na phase condoreira e na

phase scientifica—crearam aqui as suas remiges, para, mais tarde, azas dando á phantasia, desdobrarem uma das mais suggestivas paginas do lyrismo universal, ante a qual o nosso coração se nos confrange e a lagrima, não raro, nos mareja os olhos.

A esse primeiro lance, prendem se as minhas produções intituladas «Lendas Sergipanas», «Vida Sergipana», «O poema do lar» e «Sergipe». Essas tentativas, devo dizel-o em nome de minha probidade litteraria, pouco valeram, e pouco valem, desde que não despertaram ruídos nem tiveram a minima repercussão na literatura indigena. Porquanto a mocidade que canta, neste recanto do paiz, os seus amores e sonhos, continúa, sem se aperceber das mutações do pensamento nacional brasileiro, a escrever contos e poesias á moda dos trovadores românticos em pleno dominio dos pescadores de luas.

Mas por isto mesmo é que os meus ensaios nesse periodo se me afiguram um herbario, e, para mim, o mais singular dos herbarios, de cujas folhas, desbotadas e murchas, ha de trescallar ainda e sempre o aroma de minhas recordações fanadas, a evocar a imagem de minhas iluções de outr'ora. Porem na «Literatura Sergipana», no «Esborço de antropogeographia sergipana», que se lhe seguiu, e, por fim, em a «Geographia social sergipana», outro, bem outro, foi-me o objectivo que m'os inspirou.

Não são elles productos exclusivos da imaginação e do affecto, nem trabalhos de esthetoliteratura; porem a resultante unica de elabo-

rações feitas, com muito amor e o maximo de sinceridade, em prol da terra querida, e do papel que o destino lhe traçou no seio da civilização patria.

Eis porque é-me agora dado descobrir no fundo do meu espirito o criterio verdadeiramente parcial e apaixonado para trazer a publico um novo estudo sobre o povo sergipano, o qual poderá e deverá ser rotulado, em falta de melhor, pela seguinte sigla: *Causas da expansão territorial sergipense e seus conseqüentios juridico-sociaes*. É quero erer que melhor assumpto não poderia encontrar, a esta hora, para ferir a gamma dos nossos sentimentos, despertando o maximo de vossas attentões.

Não desconheço, nem fingirei ignorar, que o fim precipuo da serie de conferencias inaugurada por este Instituto, á qual esta se prende por mandato da sua presidencia, visa preferentemente um preito directo de homenagens áquelles que nos precederam na morte, deixando na vida sulco indelevel de sua terrena perigrinação.

É da superioridade, incontestavel e incontestada, de espiritos privilegiados que ha promanado a theoria dos grandes homens, a dos homens representativos, a do culto dos heroes, a dos *super-homens*.

Praz-me, porem, dizer, com a maxima franqueza, que, a meu pensar, a historia da humanidade, ou, melhor, a da evolução humana, vem a ser, em ultima analyse, a historia das collectividades. Porque, por mais assignalado o esforço do individuo, esse de nada importará sem a col-

laboração da sociedade sobre a qual deve de repercutir.

Lembra notar que se Strauss foi a culminância do século XIX, o foi porque nelle explodiu a crise da consciencia christã que, preparada pelo christianismo no recesso da idade media, encontrou na Reforma a solução estabelecida pelo genio germanico, e teve no grande theologo a eclosão do espirito do tempo a ferir a nota mais quente da liberdade do pensamento humano.

E, para mais precisamente manifestar, em synthese, o meu ponto de vista subjectivo quanto a este assumpto, entendo que a mechanica social do futuro haverá de repousar sobre o sentimento colectivo, que, ao envez de eliminar-se pelo *processus* da selecção cultural, vai dia a dia, e cada vez mais, crescendo e se avolumando á maré montante das multidões indomitas.

Tal, meus Senhores, o meu modo de entender e ao qual se submette a minha condueita neste momento. É d'elle que parte o plano que me tracei para me entreter comvosco, plano que se coaduna com a feição de meu espirito, exclusivamente dado ás generalizações. Si, porem, errei na escolha do objecto, eu me genuflecto ante vós, solicitando mil perdões.

Importa ainda declarar que o objecto da minha conferencia deveria ser exposto num livro de doutrina, erigido de algarismos, recheiado de dados historicos, de demonstrações estatisticas e de analyses scientificas melhormente do que num discurso que, pela sua fórma e natureza, deve ser breve e preciso, e principalmente apreg-

sentar-se á apreciação do auditorio como um trabalho de arte, deixando em relevo um traço da personalidade do seu auctor, em vibrante synthese intellectual e emotiva.

Entanto, a despeito de tudo, eu confio totalmente na solidariedade e no affecto que nos prendem a todos nós em se tratando de assumpto sergipense, sentimentos esses, que, não raro, nos arrebatam pelas estancias illuminadas do sonho e do amor, a crear as Epopéas e os Evangelhos do nosso civismo e da nossa fé.

Meus senhores.

Ac influxo do methodo philogenetico, já ninguem se lembra de tratar as sociedades como abstrações, sendo que em conjuncto a sociedade deve ser estudada como uma federação de associações, que são os órgãos reaes da sociabilidade. E' por assim comprehender que, a toda hora e por toda parte, se me depara na genese e desenvolvimento da nacionalidade brasileira, uma inconcussa coalescencia de unidades elementares anthropo-geographicamente levada sob determinados caracteres fusionantes em prol da homogeneidade social.

E, desta arte, semelhante organismo, preso á corrente evolutiva das associações humanas, ás acções e reacções de ordens moraes, jurídicas e politicas, cedo manifestou-se uma cohesa concentração de actividades cada vez mais intensa, com uma differenciação de força cada vez mais especializada.

Então, resultante d'essa maxima intensidade e extensidade, foi que emergiu á luz da historia, á semelhança das demais associações pa-

trias, o povo sergipano, um dos órgãos da sociabilidade e elemento integrante da associação brasileira.

Eis, em rápidos pannejamentos, o ponto subjectivo do qual se me desdobra o nosso aspecto sociológico ou ethnico social. Effectivamente, feita por Christovam de Barros—a conquista de Sergipe, os africanos, que, aqui como allí, vieram mais tarde collaborar na formação do novo nucleo social, não obstante desviados de suas crenças e costumes pela dominação lusitana d'além mar, ainda cantavam, de envolta com as saudades da patria perdida, os mythos oriundos de suas crenças de origem e o seu antigo *modus vivendi*. A seu turno, também entoavam os autochtones errantes, no coração das nossas matas seculares, as aventuras guerreiras do seu viver nómade, e as pungentes tristezas das *tabas* perdidas e abandonadas para todo o sempre ao *imperium* de toda uma civilização, brutalmente victoriosa e avassalladora.

E, áquellas melodias monotonas e repassadas de maguas inenarráveis, juntavam-se, amalgamadas na mesma gamma de lagrimas e ais, de dores e desalentos, as serranas e as canções dos degredados povoadores peninsulares, ante o vasto e grandioso scenario d'uma natureza extraordinaria, esplendente ao sol dos tropicos.

Todavia, a esses elementos etiologicos, causas diferenciadoras vieram em breve se justapor ou superpor á formação do grupo sergipano, sendo de notar, em primeiro lanço, a densidade da população indigena—que se mantivera no Rio Real, Vasabarris e Cotinguiba em contacto im-

mediato com francezes, durante um transcurso de quasi meio seculo, devido ás condições da nossa situação geographica ; bem como o pequeno elemento africano, que se localizara em maior escala, na zona do litoral.

A verdade é que, colonizado em 1590, por uma das figuras mais proeminentes do Brasil colonial, Sergipe logrou, desde logo, desenvolvimento assignalavel em meio das luctas, que então se feriam, entre naturaes, colonizadores e estrangeiros. E a breve trecho, a sua colonisação vibrou ao extraordinario influxo da corrente exploradora de minas.

Dir-se-á que, por aquelle tempo, uma projecção da scena *maîtresse* do drama nacional se desenrola no meio sergipano, pela continuidade ethnica, na qual Silvio Romero descobrira o elemento estatico e preponderante da nossa historia.

Como producto da phase politica pesquisadora de minas, surgiu Belchior Dias Moreya, que se fez o centro de todo o movimento mineralizador da epoca.

A casa de Belchior Dias, lê-se na « Historia de Sergipe », de Felisbello Freire, na sua fazenda Jabebery, tornou-se então um ponto para onde affluíam os exploradores, e até mesmo os governadores da Bahia e Pernambuco.

O territorio sergipense foi percorrido desde logo pelas caravanas, que se dirigiram para o occidente, tornando cedo conhecidos os sertões de Itabaiana e Simão Dias.

E basta consignar aqui a epocha da conquista de Sergipe (1590) e a epocha da morte

de Belchior (1622), pondera o historiographo sergipano, para vermos quão cedo entre nós o colonizador penetrou pelo interior do nosso territorio, levando a colonisação aos sertões da Bahia e de Alagoas.

Eu sei, meus Senhores, que, phenomeno complexo, o estudo da historia está sujeito a uma grande variedade de condições, mais ou menos apreciaveis. E é assim que, na acção de Belchior, além da corrente historica, que o levou, durante o percurso de oito annos, dos sertões do Rio Real, em companhia de Gabriel Soares, seu primo, a percorrer as serras de Jacobina, pelo Itapicurú, em busca do sertão de Massacará, passando por Bendutayú, Tocano, cerra da Teiuba, Pedra Furada, rio Salitre, serra Branca, serras de Osoroá, Rio Verde, Parnamerim, Periperi, Corariú, serra do Oroquery, e sertões de Pernambuco, é assim, repito, que, na acção de Belchior, não podemos deixar de constatar a continuidade do nosso solo que se prende ao occidente e a leste, e a preponderancia, no occidente, do elemento indigena, nomade e valoroso. Sobre taes condicionalidades ethnicas, geographicas e geologicas, repousou a nossa força de expansão, quando, por causas multifarias, que não vêem a pelo assignalar, a Bahia não dispoz, por aquella phase, da força necessaria para levar a colonisação até aonde a levou a expansão sergipana, desde o inicio do seculo XVI até o seculo seguinte.

Desconhecida pelo governo da metropole a geographia do Brasil, e conhecidas as altas razões politicas que determinaram as doações

feitas pelo Governo de Portugal, seguido o mesmo systema nas sesmarias concedidas a particulares, sabe-se que os terrenos doados se extendiam pelo centro até aonde chegassem as forças da colonisação, pois a razão suprema da politica dominante quanto a este particular era a conquista dos sertões.

No principio de seculo XVI o territorio banhado pelas bacias dos rios Real, Piahy, Vasabarris e Cotinguiba, junto ao littoral achava-se doado, e nelle iniciado o serviço agricola. E' então que o povoamento dirige-se para o occidente, em demanda das matas de Itabaiana e Simão Dias, acompanhando o leito do Vasabarris, chegando até ás immediações de Geremoabo, como se vé, alem de outras, pela sesmaria concedida ao desembargador Christovam de Burgos e outros, comprehendendo trinta leguas de terra em direcção aos desvãos do oeste. Comprovadora da nossa expansão territorial e resultante d'ella lêmos em Marcos de Souza, ao determinar os limites de Sergipe, que o seu territorio se dilatava das costas do mar até Massacará, matas de Simão Dias e Riacho Xingó, que desagua no S. Francisco, cincoenta e oito leguas acima de sua foz, perto da cachoeira de Paulo Affonso.

Não é meu intuito concorrer neste momento com a minha quota de calor e patriotismo, com que todos nós, os sergipanos, devemos entrar, de bom grado, para a solução definitiva da questão de limites entre Sergipe e Bahia.

A pesquisa e o estudo dos documentos neste sentido pertencem mais aos geographos e histo-

riographos propriamente ditos que ao cientista ; a elles incumbe a concatenação das datas e dos acontecimentos que hão de determinar a nossa victoria sobre a usurpação, pela reconquista do direitos, para cuja solução devemos preferentemente consultar a genese, formação e desenvolvimento territorial sergipenses. Porque, si é bem possível que, na pendencia Sergipe—Bahia, sejam exhibidos documentos que firmem a incontestavel preponderancia politica do Estado da Bahia ao tempo da metropole, da regencia, do primeiro e segundo imperios, o certo é que, por força da colonização sergipana, os limites de Sergipe, em relação á Bahia chronologicamente se inscrevem do modo seguinte :

1º, sob o regime de Capitania independente, durante mais de seculo, Sergipe limitou-se ao sul com a Bahia, pela margem esquerda do rio Itapicuru ;

2º, sob o regime das duas Ouvidorias ou Comarcas, em 1696, esses limites foram fixados em Itapuan, ao sul do rio Itapicuru ;

3º, sob o mesmo regime, em virtude de ordens de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, foi traçada a linha divisoria pelo rio Subahuma ; e, finalmente,

4º, sob o regime de Provincia, com a desannexação em 1820, ficaram reconhecidos em 1822 os antigos limites da Capitania independente fundada por Christovam de Barros, os quaes são : a oeste, desde 1590, pela linha recta imaginaria que une os dois pontos, cabeceiras do Rio Real ao riacho Xingó, ficando Malhada

Vermelha (Cuité) e parte da freguezia de Bom Conselho, dentro do nosso territorio.

Que firmam semelhantes factos sinão o retrotrahimento dos nossos limites devido á politica usurpadora do Estado vizinho?!

E' preciso lembrar que, nos «Apontamentos historicos e topographicos sobre a Provincia de Sergipe», Silva Travassos, nome que merece a melhor gratidão dos Sergipanos, como o mais fidedigno dos seus chronistas, diz que anteriormente a Christovam de Barros a divisão territorial de Sergipe comprehendia seis departamentos, «sendo um dos commandantes ou caciques d'essas divisões Moribeca, que marcava seus domínios entre o rio Itapicurú e o Vasa-barris».

Porque se deslocaram os limites? interroga Felisbello Freire.

Parque se feriu o direito de posse secular, continúa elle, garantido pela colonisação, para tirar-se da jurisdicção sergipana uma zona territorial tão grande, colonizada á custa de nossos recursos?

A taes interrogações, somente uma resposta pôde ser dada, a meu ver, como fiz notar,—a preponderancia politica da Bahia, desde os primórdios da nossa historia durante o systema imperial, desaparecido pela revolução republicana de 15 de Novembro. Prefaciando a «Historia Territorial do Brasil», cujo estudo assenta sobre a evolução do povoamento pelo solo brasileiro, assertou o seu auctor que, sem o estudo da genesis das circumscripções politicas e administrativas, em que se foi dividindo o palz em consequencia do seu povoamento, a historia do

Brasil, não passará jamais de um simples tecido de factos, sem logica, sem harmonia, sem causalidade. Commungando nas mesmas ideias, penso eu, todavia, que especial interesse nos deve despertar a analyse das condições ambientes, condições, essas, que fizeram as civilizações primitivas, e que não podem ser esquecidas ao tratar-se da historia inicial do povo brasileiro, o qual teve por scenario uma tão esplendorosa natureza aos olhos de Buckle; natureza que, no entender do sociologo e historiador inglez, se lhe offerece como um entrave ao nosso progresso, por superior às forças do povo que nella habita. No que diz respeito particularmente a Sergipe, outra, bem outra, é a imagem que se me antolha. Tenho para meu uso e explicação da nossa força colonisadora, de outr'ora, e da nossa expansão emigratoria, de hoje, que inferior ao homem sergipano é o solo em que elle construiu o seu *habitat*. O *facies* geral no nosso territorio se nos apresenta—na parte oriental, baixo, desigual, arenoso, com pouco terreno proprio para cultura; e—na parte occidental, agrestado, esteril e secco, servindo somente para pastagem.

Convem ainda constatar em apoio de minha opinião, tão divergente da quasi totalidade da dos nossos chronistas e historiadores, que esse sólo é geralmente pobre de mananciaes e aguas correntes. Circumvallando as grandes massas de terras altas, rumam direcção do mar os rios principaes; mas, durante a sazão dos verões adustos, o sol esbrasêa, sorvendo a agua desalterante dos campos desnudos, e deixando exhaus-

to e poento o leito dos riachos. E a terra, de origem quaternaria e recente, de chapadas terciarias, collinas cretaceas, regiões paleozoicas e transserranas, desdobra-se a nossos olhos asperamente triste e desoladora.

Não será devido principalmente ás más condições desse meio physico que o sergipano cedo adquirio o impeto das distancias, e se tornou colonizador? Não será por isso que, ainda a esta hora do nosso desenvolvimento, nós povoamos o Amazonas e o Acre?

E não será por esse motivo que, ainda hoje, em literatura e em sciencia, Sergipe foi e continúa uma terra de emigrados?

Meus senhores.

O que me parece incontestavel, a esse ligeiro recoltar de factos e de ideias que se prendem á evolução formativa do povo sergipano, é que a nosso favor militam incontestaveis direitos de jurisdicção sobre um grande agro territorial de que a Bahia se acha actualmente de posse.

Esses direitos, promanados de acontecimentos historicos, teorizam-se no mundo moderno sob o nome de colonização.

Nasceram no seio das sociedades antigas, na lucta pela vida ferida entre as primeiras agremiações humanas: fixaram-se, á luz da historia, sob o imperialismo romano, na epocha das conquistas e expansões territoriaes, e repousavam, então, sobre o poder *discretionario* do vencedor sobre o vencido, e vemol-os mais tarde transformados, na quadra dos grandes descobrimentos maritimos, quando Portugal, arvo-

rando o pendão das quinas no solo do novo mundo, proclamou o seu direito de posse e dominio sobre a terra do seu descobrimento.

E a seguir, foi por meio do trabalho colonizador, que se veio dilatando, pouco a pouco, a posse do territorio patrio. Nesse combate secular, no qual os bandeirantes vadearam rios, transpuzeram serras e venceram todos os obstaculos naturaes, é de ver que os sergipanos, ao norte, occuparam o mais assignalado posto na vanguarda, como força propulsora da nacionalidade que ia surgir. Attendendo-se aos saques e ás devastações de que Sergipe fôra alvo por parte dos invasores e fugitivos, como scenario de grandes acontecimentos, comprehende-se que desde logo aqui habitou uma raça forte, servida pelo ideal da liberdade e do progresso.

E si a patria, meus Senhores, não é somente a terra do nosso berço, com os seus céus, as suas mantanhas e os seus valles, mas—e principalmente—o amalgama das tradições queridas que constituem a alma do povo, preciso seria que fossemos apóstatas para ora renegarmos o sentimento da nossa autonomia social e politica, sem um protesto sequer em prol das crenças e ideias afagados pela consciencia e affectos das gerações que se foram.

Comprehendendo-se, já o disse algures com Jhering, que a Geographia é a Historia considerada do seu ponto de vista estatico, bem como a Historia é a geographia considerada do seu ponto de vista dinamico, necessario se faz, em nome da historia e do nosso futuro, o desaparecimento dessa falta de eurhythmia, que se

deixa aperceber no *processus* evolucionario da patria sergipana. Porque, de certo, singular é que, resolvido em grande parte o problema da sua politica de população, Sergipe tenha ainda de combater pela sua politica territorial como unidade elementar d'uma federação, para cuja estrutura e desenvolvimento tanto concorreu, infligindo a primeira derrota ás hostes hollandezas, derramando de seus filhos o sangue precioso nos pampas do Paraguay, levando a vida á periphéria do organismo nacional, a povoar o Amazonas e o Acre, depois de ter lobrigado, através dos ideiaes revolucionarios de 1817, a imagem do Brasil de hoje, esculpida no bronze da Historia, pela resistencia ao despotismo e devotamento á liberdade!

Por isso, a terminar, meus Senhores, sinto que ora me assalta e empolga o espirito a impressão grandiosa que recebi, aos vinte annos meus, quando ascendi o pincaro da serra de Itabaiana.

No oriente, um sol equatorial, assemelhando enorme diamante engastado em fundo céu de turqueza, surgia esfarrapando as densas neblinas que desciam pelo dorso do colosso esbarreado até ao fundo dos valles circumdantes.

E á medida que gloriosa a luz se erguia pelos céus escamos, mais se dilatava o horisonte aereo, no fundo do que se esbatiam os esporões das serras que o enfeixam, e se alteiam, como vagas geologicas do grande e cyclopico oceano, de cujo seio, em cataclysmos, emergiu, rígido e petrificado, o alto planalto central do Brasil.

Rápidas lufadas esgarçam por fim de todo o manto nevoado da manhã, e um dilúvio de luz intensa descerra ás escancaras o firmamento azul e a terra verde. Deslumbrado, d'aquella mansão alada, comprehendi como, aureolada de esplendores, surgiu a vida á emotividade primitiva, sentindo perpassar-me pelos olhos a mais bella visão da natureza em rutilante apothéose.

Como um prolongamento e ao mesmo tempo uma antithese das forças naturaes, divisei, em seguida, o mundo ambiente a se desdobrar pelo litoral orlado pelo mais bello dos espectaculos kosmicos,—o mar gigante e infindo, em reverberos de esmeraldas e rubis, perolado de espumas, imagem inconcussa da phenomenal e estupenda batalha da vida sobre o Planeta.

E pelas planicies e valles, desde o derredor, branqueavam as cidades, as villas e as estancias ruraes, á luz dum sol polvilhante d'oiro, a esmaltar as flores e os fructos de toda aquella civilisação. Desde então mais se avolumaram e se ergueram, do fundo do meu espirito e do meu coração, a minha crença e a minha fé, a crença nas energias desse povo, cujo passado é a garantia do seu futuro, e a fé, a fé insuperavel na reivindicación dos nosso, direitos; em prol do progresso e engrandecimento do nosso querido Sergipe.





Liga contra o Analphabe- tismo no Brasil

DISCURSO PRONUNCIADO, EM 24 DE
SETEMBRO DE 1916, NA SESSÃO
MAGNA DO «INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, PELO

Dr. A. Avila Lima

*Exmo. sr. general presidente do Estado,
Exmo. sr. presidente do Instituto Histórico,
Minhas senhoras,
Meus senhores :*

Deante desta generosa aclamação, que se acaba de fazer, do meu modesto nome para occupar a presidencia effectiva da «Liga contra o Analphabetismo», em Aracajú, cumpre-me, antes de tudo e acima de tudo, dizer-vos que não sou digno de tão elevada consideração, uma vez que, dentre vós, pessoas mais capazes e distinctas existem para o desempenho desta tão trabalhosa quão nobilitante tarefa.

Mais uma vez, o «Instituto Histórico e Geographico de Sergipe», por gentilissima indicação do seu illustre e operoso confrade, dr. Costa

Filho, pôz em prática uma das maneiras de ser de sua proverbial delicadeza, arrancando-me da obscuridade e do esquecimento em que vivo, para fomentar a propagação da luz do saber no entendimento de nossos patricios.

Apaixonado até as raizes d'alma pela santa causa da civilisação nacional, em cujos estudos ando empenhado de ha dias, sem, aliás, achar solução para os males, que nos affligem, sinto-me deyéras desvanecido ao assegurar-vos aqui que a fundação de uma «Liga contra o Analphabetismo Nacional» trará para as nossas massas humanas uma somma bem consideravel de bem estar e segurança.

Mas devo dizer-vos com toda a sinceridade, que me caracteriza, que só com isto não attingiremos um ideal de perfeição humana.

Desenvolver-nos-emos nos dominios da intelligencia.

Evoluiremos sob um ponto de vista racional.

Subiremos até aos pinacros luminosos do saber, fazendo das leis do conhecimento uma verdadeira potencia. Mas, ainda assim, ao transpormos as negras fronteiras da ignorancia, não entraremos por certo no paraizo da esperança, nem alcançaremos o céo da felicidade, que fica além, muito além dos horisontes do pensamento. O homem, antes de ser um sêr pensante deve ser, como dizia Emerson, um bom animal, e sobretudo, um ser moral.

E' pelo desenvolvimento do corpo que nos tornaremos aptos para as luctas da vida physica.

E' pela cultura das idéas que esmagaremos os desvios do entendimento.

É pela cultura da moralidade, muito principalmente, que nos distanciaremos da animalidade, a que ainda estamos bem ligados por fortes e indissolúveis laços hereditários e tradicionais.

De sorte que o corpo, o sentimento e a intelligencia são os tres grandes elementos, que constituem a vida contradictoria do homem.

Desenvolver o corpo sómente seria resurgir entre nós uma sociedade, de character eminentemente spartano, forte, guerreira e athletica.

Mas, como bem diz Payot, as grandes victorias humanas não se ganham com musculos, mas com descobertas, grandes sentimentos, idéas fecundas; e dariamos os musculos de 500 derubadores, mais os perfeitamente inúteis de todos os homens de *sport*, pela intelligencia poderosa de um Pasteur, de um Ampère, de um Malbranche.

Despertar as energias mentaes unicamente seria transformar a nação em academia de philosophos, tornando-a mais leve que o ether e mais delicada que o proprio pensamento.

Como nos ensina Descartes, tanto faz, effectivamente, que o nosso espirito se bruna pelo excesso de estudo, como, pelo contrario, se embote.

Todo o segredo da humana felicidade consiste em saber dirigir o pensamento e canalizar o sentimento para os embates da vida socialmente organizada.

Nem se afogue na treva o espirito, que é luz, nem se despreze na vida o character, que é o fundamento das acções.

Bem se vê que, assim falando, eu não sou um discípulo nem um partidário das doutrinas de Herbart, que não concebe uma instrução, que não eduque, nem uma educação que não instrua.

Chego até a pensar, nas minhas sciencias pedagogicas, que a instrução desacompanhada da educação é um instrumento vtil posto ao serviço da desordem e da anarchia.

O que constitue a perfeição social da Inglaterra é a nobreza de seus costumes saturados sempre de um ideal moral.

O que notabiliza a Alemanha não é somente o valor de seus grandes sabios e pensadores, nem a riqueza de seu commercio, nem o desenvolvimento maravilhoso de sua industria, nem ainda a primazia de seus grandes engenhos de guerra, é sobretudo o peso de seu ideal patriótico.

O que caracteriza a alma latina é a falta de iniciativa e de espirito de solidariedade.

Além disto, somos ainda um povo corrompido pelo cadaver da vontade. Eganam-se, pois, todos aquelles, que fazem da instrução o mais forte ideal dos ideaes humanos. Sem duvida elle é grande, magestoso, sublime.

Mas acima d'elle está a cultura do sentimento ou da moral, por meio das boas acções ou dos grandes exemplos.

E' pela pratica da virtude que se faz toda a grandeza de uma republica; é pelo cultivo da moral que se levanta uma grande patria como a nossa.

Sou dos moços, que ainda crêem no impe-

rio da virtude, no triumpho incomparavel da honestidade e na salvação do Brazil pela pratica da educação bem ministrada á infancia descaída e innocente. Portanto cumpre a cada brasileiro implantar no seio angelico da familia a semente benedicta da educação da mocidade, reformando pelo sentimento do dever e da justiça o character nacional, que, dia a dia, apodrecendo vai como uma ulcera maltratada.

Em regra, os nossos professores têm se preocupado mais com a instrucción que com a educação em nossa patria.

O que é preciso, antes de tudo, é cultivar o sentimento e o entendimento ao mesmo tempo, isto é, instruir educando e educar instruindo.

Preparar o individuo para a familia, a sociedade e a patria, tal é o vasto e escabroso objecto da educação. Só assim desenvolveremos todas as faculdades psychologicas, que reunidas formam o crystal da alma humana. Só assim nos aproximaremos da perfeição da nossa natureza. Só assim faremos do individuo um instrumento de felicidade para elle e para os seus semelhantes. Consequentemente madame Necker de Saussure tudo dizia, quando affirmava que—educar uma creança é pô-la em estado de satisfazer o melhor possível ao destino de sua vida.

Depois de todas estas digressões, que aqui ficam, pretendo chegar á conclusão de que a *Liga contra o analphabetismo brasileiro*, para ser fecunda, deve esposar sobretudo a educação moral, e fazer desta o báluarte inexpugnavel de toda a sua propaganda.

—Segundo os calculos estatísticos mais re-

centes e aproximados, sob o ponto de vista da instrução em geral, sumiram-se-nos dos olhos a Inglaterra, a Austria, a Hungria, a Dinamarca, a Allemanha, a França, o Japão, a Noruega, a Hespanha, a Suecia, a Suíssa, os Estados Unidos, e estamos muito abaixo da Bulgária, da Grecia, da Italia, da Hollanda, da Rumania, da Rússia, da Servia, da Turquia, de todas as republicas latino-americanas á excepção da Bolivia e Venezuela, e de um grande numero de colonias povoadas, em grande parte, de africanos, australianos, etc.

Em nosso paiz apenas cerca de 17% de habitantes estão se instruindo nas escolas, o que significa que um pouco mais de 83% dos nossos quasi trinta milhões de compatriotas permanecem assim no captivo e canceroso da ignorancia.

* * *

O meu intuito, meus senhores, não é absolutamente tirar aqui a eschara do nosso paiz e apresental-o em chaga viva ás gerações presentes e futuras: é chamar a attenção dos nossos governos em geral para a propagação da instrução publica nas escolas, que são os verdadeiros tribunaes da prudencia ou da circunspecção, da rectidão ou da justiça, da benevolencia ou da caridade, cujas virtudes reunidas formam toda a maravilhosa contextura da moral ho liera.

Andaria bem melhor a nossa Constituição Federal se, ao envez de manter a instituição anachronica do jury, que, desde muito, vae sendo um vil instrumento posto ao serviço da criminalidade, houvesse insituído a instrução elemental

obrigatoria em todos os quadrantes da Republica brasileira. Mas já que não temos ensino obrigatorio, nem um systema de educação solido e perfeito, ao menos saibamos ler e escrever, combatendo dest'arte a ignorancia, que é um verdadeiro veneno de perdição, por meio da *Liga contra o analphabetismo*. Passa, entre nós, como «a mais patriótica das causas» a instituição da *Liga contra o analphabetismo no Brazil*.

Se assim é, do modo por que eu o crejo, vamos todos, desde já, trabalhar ardente e apaixonadamente pela propagação da instrucção primaria pelas classes populares, afim de que possamos, em um futuro não muito remoto, extirpar da sociedade brasileira a cancerosa chaga da ignorancia.

«Que as infracções criminaes das leis do Estado ou da sociedade têm por causa a insufficiente diffusão da instrucção, a falsa educação, que é necessario attribuir tudo isto á penuria geral da presente sociedade, é facto tão conhecido e reconhecido, escreve o dr. Luiz Büchner, que basta mencional-o. E acrescenta o sabio naturalista e philosopho allemão :

«Os crimes diminuem á medida qua augmentam a instrucção, o bem estar, a moralidade, e por tal modo que, com o auxilio do tempo, desaparecerão como as grandes epidemias do passado. O crime é na vida social o que é a molestia na vida physica, e, assim como na medicina e na hygiene publica pouco a pouco se chegou a comprehender que é melhor e mais vantajoso prevenir as molestias do que combatal-as depois da invasão, comprehende-se tambem que

na vida social vale mais prevenir o crime por meio de instituições razoaveis, abafal-o no germen do que combatel-o a ferro e fogo depois de perpetrado. Estabeleçam-se boas e sabias instituições. Ouçam-nos aquelles, e que dirigem o leme dos Estados! Então os homens tornar-se-ão sabios e bons».

Quanto a mim, tudo farei pela germinação desta nobre idéa, contanto que a patrocinem tambem os meus illustres confrades do «Instituto Histórico e Geographico de Sergipe» e o exmo. sr. general Oliveira Valladão, que, desde muito, se mostrando vem não só um republicano historico e notavel, como ainda um batalhador destemido e incançavel da honra, do trabalho e da grandeza de nossa querida patria.

Quando reflieto nos meios de assegurar o bem publico, dizia Leibntz, penso que o genero humano se aperfeçoaria com o aperfeçoamento da educação da mocidade.

Sob todos estes auspicios, pois, eu tenho a hora insigne de declarar desde já fundada, em nossa capital sergipana, a *Liga contra o analfabetismo*.





RELATORIO

dos trabalhos e occorrencias do periodo social de 1915 a 1916,
apresentado pelo presidente do Instituto Historico
e Geographico de Sergipe

Desembargador Manuel Caldas Barretto Netto

NA SESSÃO INAUGURAL DE 6 DE AGOSTO DE 1916



Senhores consocios do Instituto Historico e Geographico de Sergipe :

Em observancia ao disposto no art. 36 dos nossos ESTATUTOS, cabe-me apresentar-vos, nesta sessão solenne de posse da nova directoria, o relatorio dos factos occorridos durante o periodo social de 6 de Agosto do anno passado, até á presente data, e é com o maximo prazer que ora venho dar cumprimento a essa obrigação, porque foi, sem duvida, dos mais fecundos e dos mais brillhantes o periodo findo, cujas principaes occorrencias passo a relatar nas paginas que adelante se seguem :

DIRECTORIA

A directoria eleita em 25 de Julho do anno findo, para dirigir os nossos trabalhos, viu-se

privada do seu illustre presidente, o sr. desembargador João da Silva Mello, que, por motivo de molestia, foi forçado a renunciar o resto do tempo de seu mandato, o que nos causou grande magua, pois, vinha elle, desde a fundação do Instituto, presidindo aos seus trabalhos com muita competencia, amor e proverbial dedicação.

SOCIOS

Durante o periodo social que hoje finda, trez claros abriu a sempre tragica e dolorosa morte em nosso quadro, do qual se foram sempreternamente os senhores general dr. José Gomes Pinheiro Machado, dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire e o professor Manoel Francisco de Oliveira, os dois primeiros, socios honorarios e o ultimo, socio effectivo desta utilissima agremiação.

Deixaram-nos os pranteados consocios os grandes exemplos de suas virtudes cívicas, de amor ao trabalho e de todas as nobres qualidades que lhes deram posição de destaque no seio da sociedade culta. Deante, pois, disso, o Instituto houve por bem lhes render o devido preito de homenagem, nas sessões cívicas de 14 de Setembro e 7 de Junho ultimos, e, mais uma vez, eu lhes presto aqui o sincero culto de minhas saudades.

Esta instituição admittiu em seu gremio, durante o derradeiro periodo, 33 novos socios, sendo 2 na categoria de benemeritos, 5 na de honorarios, 6 na de effectivos e 20 na de correspondentes.

O *Instituto Historico e Geographico de Sergipe* conta em todos os paizes da America do Sul, em alguns da America Central e do Norte, e em muitos da Europa, com grande numero de associados, homens notaveis pelo alto criterio e vasto saber.

REFORMA DOS ESTATUTOS

Faz-se mister a reforma dos nossos *Estatutos*, attendendo-se ás conveniencias do Instituto, que tem o dever de, pelos meios de que dispõe, velar carinhosamente pelo alto conceito que tem alcançado dentro e fóra do paiz, graças á operosidade, á dedicacão e ao desvelo de seus dignissimos associados.

SESSÕES

Effectuou o *Instituto*, no decorrer do periodo social, que hoje mesmo termina, 26 sessões, realizando assim maior numero do que nos ultimos annos.

CONFERENCIAS

Tenho o grande prazer de salientar que não commum foi o numero de conferencias realizadas este anno em suas sessões e todas ellas recommendaveis pelo interesse dos assumptos escolhidos e pela fórma elevadissima por que foram concebidas.

Todos os nobres e eruditos oradores foram ouvidos com a maxima attenção e prazer e muito applaudidos pela selecta assembléa.

A 24 de Outubro do anno passado, teve lugar, no salão nobre do *Instituto*, a conferencia

do consocio Enoch Santiago sobre a vida do dr. Ignacio Barbosa, benemerito fundador da cidade de Aracajú.

A 16 de Novembro, dissertou brilhantemente o notavel publicista e orador columbiano, dr. Edmundo Gutiérrez, cujo thema foi «As vantagens da vinculação americana e a significação do tratado do A. B. C.»

A 27 do mesmo mez, teve logar a conferencia do padre dr. João de Mattos Freire de Carvalho, sobre «Annapolis e sua origem»

A 25 de Dezembro, fez dissertação no *Instituto* o saudoso professor Manoal Francisco de Oliveira, sobre a «Nostalgia do Céu».

A 30 de Janeiro do corrente anno, realizou-se a conferencia do illustre consocio dr. Ascendino de Argollo, que tratou da «Influencia do pensamento sergipano na litteratura brasileira».

A 24 de Fevereiro, occupou a tribuna do *Instituto* o consocio academico Costa Filho, que, com muito patriotismo, fallou sobre a figura cyclopica do almirante Frederico Mariath.

A 23 de Abril, dissertou magistralmente, tendo por objectivo o estudo do *folk-lore sergipano e aspectos ethno-psychologicos de suas lendas, feito sob o ponto de vista ethnographico*, o consocio dr. Joaquim do Prado Sampaio Leite, muito digno orador desta associação.

CONGRESSOS

Representaram coadignamente o *Instituto Historico e Geographico de Sergipe*, no 4.^o Congresso de Geographia, que se effectou, a 7 de Setembro do anno passado, na cidade do Recife,

os eminentes consócios senhores desembargadores Arthur da Silva Rego e Abdias de Oliveira.

No *Congresso americano de historia e bibliographia*, que se reuniu em Buenos-Aires, a 6 de julho findo, foi representante deste *Instituto* o illustrado consocio dr. Edmundo Gutiérrez, a quem esta associação se confessa penhoradissima pelo modo judicioso e brilhante, por que soube cumprir o mandato que lhe foi conferido.

E de 7 a 16 de Setembro proximo vindouro, no 5.^o *Congresso de Geographia*, que terá logar na capital da Bahia, será nosso representante o illustre 1.^o Secretario, academico Luiz José da Costa Filho.

MONUMENTO DO DR. IGNACIO JOAQUIM BARBOSA

E' me grato aqui consignar que já se acha nesta cidade, vindo da capital de S. Paulo, o monumento que, por iniciativa do *Instituto* e generosidade dos sergipanos, vae ser erigido no Jardim «Olympio Campos», a 17 de Março do anno vindouro, em homenagem á memoria do dr. Ignacio Barbosa, benemerito fundador da cidade de Aracajú.

Fizeram parte da Commissão executiva para a aquisição desse monumento os seguintes consócios: general Manuel P. de Oliveira Valladão, presidente honorario; dr. Alexandre Freire, presidente effectivo; desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, vice-presidente; almirante Amyntas José Jorge, secretario geral; coronel Antonio Alvares Valladão, 1.^o Secretario; academico Luiz José da Costa Filho, 2.^o secreta-

rio ; dr. Joaquim do Prado Sampaio Leite, orador e coronel Jucundino Vicente de Souza Filho, thesoureiro.

Assiste-me o dever, em nome desta scientifica associação, de salientar o valiosissimo concurso prestado, para a execução desta patriótica obra, pelo nosso eminente consocio e preclaro Presidente do Estado, o exm. sr. general Oliveira Valladão, bem assim, commetteria sensível injustiça, deixando de assignalar aqui, em nome ainda deste Instituto, os serviços dispensados, para o mesmo fim pelo nosso operoso compatricio, coronel Ceciliano Vasconcellos, residente em S. Paulo.

BUSTO DO DR. SYLVIO ROMERO

Em 30 de Janeiro ultimo, foi inaugurado no salão nobre do Instituto o busto do insigne philosopho e jurista patrio, dr. Sylvio Romero, uma das maiores glórias intellectuaes de nossa terra, trabalho este que foi executado habilmente pelo esperançoso joven Rubens de Figueiredo.

DONATIVOS

Pelo illustre consocio sr. almirante Amyntas José Jorge foram offerecidos a esta instituição um globo terraqueo de grandes dimensões, bem assim um bello e apropriado panno para a mesa das sessões offertas estas que nos trouxe o bravo marinheiro de sua viagem de recreio á Europa, e pelo consocio honorario sr. dr. Deodoro Moegle, engenheiro, residente na cidade de Oruro (Bollvia), um cheque de 25 dol-

lars, para a construção do futuro edificio do Instituto, dadivas que muito nos captivaram.

REVISTA TRIMENSAL

A nossa revista que, pela frequência de memorias originaes, riqueza de documentação, variedade de assumptos, valor dos trabalhos e acertada orientação com que tem sido organizada, devido especialmente aos ingentes esforços do distincto consocio sr. desembargador Manoel Armino Cordeiro Guaraná, já grangeou o renome de que hoje goza.

Durante este anno foram distribuidos os fascículos III e IV do volume II.

SOCIEDADES CONGENERES

O *Instituto* não só tem procurado estabelecer e manter relações com as sociedades congêneres, como se tem esforçado pela cordealidade e reciprocidade dessas relações.

FINANÇAS

Pelo balancete apresentado pelo sr. thesoureiro, se verifica o seguinte resultado : receita 1:162\$000 e despesa 1:238\$000, havendo portanto um *deficit* na importancia de 70\$000, faltando, porém, receber a subvenção relativa aos mezes de Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro do corrente anno.

CONCLUSÃO

Estas são, senhores consocios, as breves informações que tenho a ministrar-vos ; entretanto, se outras desejardes me encontrareis sempre prompto a vol-as fornecer.



RELATORIO

APRESENTADO AO

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Em sessão solenne e extraordinaria de 15 Agosto de 1917,
pelo 1.^o secretario

Dr. Luiz José da Costa Filho,



*Somr. Presidente do "Instituto," e
demais Socios :*

O numero X do art. 39 dos vigentes Estatutos desta scientifica associação dispõe, que o 1.^o Secretario della «faça o relatorio de todas as occorrencias que se derem durante a gestão de seus trabalhos :» e o art. 29 dos nossos referidos despositivos organicos ainda determina, que o relatorio tal, lido seja pelo autor na sessão em que se tenha de proceder aqui a eleição da Directoria, antes mesmo da realisação do escrutinio.

Eu estava ausente desta capital no dia em que se effectuou a eleição da Directoria que hoje e na presente sessão toma posse dos cargos respectivos, rasão porque fóra-me impossivel cum-

prir o meu dever, do qual venho agora desobrigar-me, ao mesmo passo que também invocar a generosidade da vossa desculpa e do vosso perdão para o acto omissivo que a distancia me não permittio evitar.

*
* *

Sou contente, meus illustres consocios e de jornada irmãos, com poder assegurar-vos, que não é das animadôr o actual estado desta nossa importante officina, em cujas forjas fundimos o aço, o ouro e a prata, que vamos logrando compôr e ligar em macissos blocos para os fundamentos desse vasto e trabalhoso edificio da Historia e da Geographia de Sergipe.

No exercicio do meu cargo nesta benemerita casa eu tenho pouco, muito pouco conseguido realizar o programma do meu desejo no tocante aos fins capitaes desta associação, isto é, o conhecimento exacto da nossa Historia e da nossa Geographia. Por maiores e mais denodadas que sejam as dedicações calorosamente e a todo o transe postas ao nobre serviço das nossas aspirações scientificas, quase improficuas são ellas si lhe faltam a ajuda, a força, a base, o alicerce, a pedra angular sobre o que apoiem a alavanca de seus altruisticos esforços.

Pois alguém poderá organizar e escrever a Historia de um povo sem possuir o material indispensavel para o soerguimento do passado?

Os documentos, os archivos, os monumentos, que attestem ao escriptor e ao psychologo os sulcos remotos da sociedade que passou e que lhes facilitem os meios seguros de dramatizar o

páſſado, são, meus illustres consocios, as fontes perennes da Historia de qualquer paiz e de qualquer agrupamento humano organizado.

Minguam-nos quase por completo aquelles materiaes preciosos.

No que tange ao conhecimento da nossa Geographia, a penuria augmenta, toma assombrosas proporções. Em Sergipe, pode dizer-se, ainda se não tractou seriamente do importantissimo estudo dessa disciplina por excellencia, que é a Geographia, sem a qual torna-se positivamente inaccessible para os individuos como para as collectividades, qualquer conquista notavel e duradoura na vida politica, militar, administrativa e economica das nações.

Paiz sem mappa não existe; sem cartographia não ha Estados.

Os paizes grandes ou pequenos em territorio, ricos ou pobres em economia, abastados ou reduzidos em riquezas naturaes, outro meio não têm de se fazerem conhecidos e abrirem vistas dos seus recursos vitaes perante o concerto das civilisações sinão esse meio exacto, fiel, poderoso e facil, que é a—Carta Geographica.—Ella indica minuciosamente ao estrangeiro todos os aspectos da região que reproduz e retrata em miniatura: o solo, o clima, a fauna, a flora, a população, o commercio, a industria, a agricultura, todos os phenomenos astronomicos e todos os accidentes geographicos allí se deparam aos olhos attentos do explorador avido de novas observações e de empreendimentos novos; do scientista sedento de glorias e do capitalista que procura collocar vantojamente o seu dinheiro.

Não careço mostrar-vos a necessidade do não esquecimento na Cartographia, de fazer-se conhecido igualmente o sub-solo, pois já hoje, todos vós sabeis, a Geomorphogenia é inseparavel da Geomorphographia e da Anthropogeographia nos mappas modernos e que se presam de traçados com as exigencias rigorosamente scientificas.

Pois bem, senhores, o nosso carissimo Ser-gipe, para dizer a verdade, não possui carta Geographica sua.

Andam ostensivamente por ali fóra, nos Gymnasios, nas Escolas e nos Collegios, uns pessimos arremêdos da Geomorphographia do nosso Estado, e isto mesmo erigidos, ou antes, caricaturados, por lapis que nos são adversos, e outros, cujas pontas nunca foram aparadas debaixo destes nossos amenos e claros céos.—

Vem aqui a proposito fazer, como effectivamente faço, um apello ao Governo deste Estado, no sentido de ser quanto antes por elle tomado em urgente consideração o levantamento da nossa carta geographica. Tão relevante serviço poderá ser realisado por intermedio de uma Commissão Geographica durante dois ou tres annos de perseverantes e acurados trabalhos de gabinete e de campo, dos quaes resultem a perfeita determinação das nossas coordenadas geographicas: o mathematico conhecimento das altitudes, longitudes, e latitudes de todas as zonas do Estado; o estudo exacto e criterioso do nosso mechanismo hydrologico pela exploração de todo elle, e tambem o estudo das nossas camadas geologicas comprehendendo, está visto, as

indispensaveis excursões pelos domínios da paleontographia.

Depois, a estatística remataria a grande obra official e inestimavel fornecendo-lhe o seu valioso contingente de informações precisas a respeito da nossa producção agricola, da nossa exportação e importação commerciaes, dos nossos meios de transporte, dos nossos recursos economicos, das nossas condições de hygiene, enfim, de tudo quanto dissesse respeito aos superiores interesses da nossa vida social e administrativa.

Eis uma copiosa obra que está por fazer entre nós, senhores, e que bastaria para demonstrar o gráo de cultura, de sabedoria e de elevação de espirito politico do Governo que emprehendesse.

S. Paulo nos dá esse patriotico exemplo, mantendo ha mais de trinta annos a sua *Commissão Geologica e Geographica*, que tem sido superiormente chefiada por sabios da estatura de Orville Derby e Theodoro Sampaio.

* *

O QUE TENHO FEITO

O quase nada, illustres consocios, que eu tenho feito no difficil desempenho de meu cargo em pról deste *Instituto*, eu vos declaro, devo menos a minha actividade, do que á dedicação nunca mentida de todos vós a esta casa.

Já ninguem nesta terra ignora, graças a amplissima e constante publicidade dos trabalhos aqui neste templo realisados, que o Senr. Desembargador Caldas Barretto, nosso honrado e ope-

rosissimo Presidente Effectivo, continúa a ser para esta Instituição, que elle fundou e a que ama extremosamente, um benemerito e um abnegado.

Si não fossem os extremos de amor delle por esta casa, senhores, eu vacillaria em affirmar-vos si ella estaria de pé.

Mas, está.—A dedicação bem intencionada attrae a sympathia; e a maior, e a mais util, e a mais proveitosa dessas sympathias, que este feliz *Instituto* conquistou e com a qual hoje orgulha-se em contar, é a do Exm. Senr. General Oliveira Valladão, Presidente do Estado e nos-o Presidente Honorario, a quem a imprensa local já sagrou o «grande protector» desta Associação.

Ajusta-se-lhe bem o titulo.

Porque na realidade, nunca a sua elevada protecção nos foi recusada.

* * *

O QUE NÃO TENHO FEITO

Proporcionalmente aos meus desejos relativos ao engrandecimento desta Instituição, eu vos confesso, senhores, que nada tenho feito.

Eu desejaria que ella fosse a primeira já no seu genero em todo o Brasil e vejo que, si não é a ultima, mas, muito longe ainda está de alcançar a hegemonia dos meus anhelos.

Mercê de Deus, porém, uma bôa estrella brilhar parece sobre este abençoado tecto, rumando esta Instituição aos brilhantes e prosperos destinos a quem tem reconhecido direito.

*
* *

BARÃO HOMEM DE MELLO

Dos factos mais importantes que registram os annaes desta casa no curso da proxima passada gestão, o de maior relevo foi a honrosa visita com que nos captivou e distinguiu o Senr. Barão Homem de Mello, preclaro historiador e geographo nacional, em companhia de sua dignissima esposa Exm^{ta} Senr^a D. Julieta Unzer Homem de Mello, Baroneza do mesmo nome, e da sua gentil cunhada poetiza Carmen Unzer.

Esta Secretaria empregou todos os esforços possiveis para que cumpridos fossem a risca os programmas das festas organisadas por este *Instituto*, afim de solemnisar a recepção e hospedagem dos distinctos visitantes, todos nossos consocios. —

Creio que dei cabal desempenho a minha delicada missão.

*

MONUMENTO AO FUNDADOR DE ARACAJU'

O Senr. Presidente do Instituto incumbio-me em começos do corrente anno de dirigir o piedoso e civico serviço da abertura do antigo sarcóphago onde jaziam os ossos do Dr. Ignacio Joaquim Barbosa, fundador desta cidade de Aracajú.

Convidei os representantes de toda a imprensa desta capital e diversas pessoas de destaque na nossa sociedade para assistirem ao acto, e mais o conceituado clinico Dr. Pimentel Franco para attestar a existencia dos ossos depois de retirados do velho jazigo.

Presidio esta cerimonia o Dr. Alexandre Freire, Intendente Municipal de Aracajú.

De tudo lavrei minuciosa acta, que foi publicada em todos os jornaes desta capital e cujo original possuimos nos archivos desta casa.

Eu proprio colloquei os referidos ossos na rica urna que está collocada no sopedanco do Monumento, fechando-a com duas chaves, que tambem se acham no relicario desta Associação.



PEDRO DE CALAZANS

Esta Secretaria conseguiu, depois de duradouras e afanosas pesquisas, encontrar no Estado do Rio Grande do Sul, integra, inedita, organizada ha mais de quarenta annos carinhosamente pelas mãos do proprio autôr, toda a obra poetica do mavioso e notavel vate sergipano Pedro de Calazans, o maior e o mais impressivo dos poetas que nasceram entre os canaviaes e os verdes montes desta formosa terra do nosso coração.

E hoje, senhores, vamos ter a feliz oportunidade de inaugurar neste salão dos nossos trabalhos o retrato a oleo, primorosamente feito pelo talentoso pintor Gutman Bicho, daquelle pallido e romantico poeta Calazans, certo o mais lyrico da seu tempo no Brasil e o menos ditoso dos vultos litterarios de sua epoca distante.



SECÇÃO DE AUTOGRAPHOS

Esta Secretaria não tem poupado os esforços ao seu alcance no sentido de obter autogra-

phos dos homens eminentes da nossa Historia e graças á Deus, pode agora informar-vos, que esta casa já possui, devidamente archivada, uma volumosa e interessante collecção de preciosos autographos.

*
* *

GALERIA DE HISTORIADORES E GEOGRAPHOS NACIONAES

A' vista de todos vós está a quase completa galeria de retratos de historiadores e geographos brasileiros, que esta Secretaria, luctando com muitos obstaculos, mas, vencendo-os, logrou inaugurar neste salão de honra, ornando-lhe as paredes e prestando uma justa homenagem irre-cusavel á memoria daquelles pacientes, operosos e abnegados espiritos, que lançaram os alicerces da nossa futura fama nos dominios das duas utilíssimas sciencias.

*
* *

BUSTO DO BARÃO DO RIO BRANCO

E' me sobremaneira grato noticiar-vos, que esta Secretaria já fez encommenda de um busto de bronze daquelle que não somente foi o grande, mas, foi o maximo, o primeiro brasileiro, entre os primeiros que mereçam a gratidão da Patria: Rio Branco.

Esta casa terá brevemente no lugar mais ostensivo e distincto do seu salão nobre, a effigie bronzea do seu perpetuo protectôr, o patriota inegalavel, o douto historiador, o sabio geographo, o mais eminente dos estadistas e dos diplomatas do seu seculo, o integralizador do

território da Patria, que elle amou apaixonadamente, e em pròl de cujo engrandecimento consagrou todas as energias do seu poderoso espirito e da sua pasmosa intellectualidade.

*
* *

TROPHÉOS E RELIQUIAS

Não descuridou-se esta Secretaria de recolher á sombra deste *Instituto* os trophéos e as reliquias que se relacionam com os grandes factos e os grandes vultos sergipanos.

Não descurou, nem podia descurar de tão necessario labôr.

E porque empregou os possiveis esforços para tal fim, já esta casa guarda e conserva religiosamente trophéos e reliquias de raro valôr para nós.

*
* *

COLLECÇÃO DE RETRATOS

Neste particular de photographias antigas dos estadistas, dos politicos, dos litteratos, dos guerreiros, dos sabios e dos artistas nacionaes e de numerosos estrangeiros, esta Secretaria tem o prazer de declarar-vos, que tem obtido uma das mais ricas collecções no genero e que vae conseguindo augmental-a dia a dia.

*
* *

JORNAES E REVISTAS

Logo que foi eleito para o cargo que incompetentemente aqui nesta casa exerce, o vosso

humilde 1º Secretario dirigio officios aos jornaes desta capital solicitando-lhes a remessa gratis, pois não os recebia esta associação.

O Estado de Sergipe, o Jornal do Povo, o Diario da Manhã, o Correio de Aracajú, e O Democrata, que constituem a grande imprensa local, attenderam o nosso apello e delles possuimos já toda a collecção deste anno.

O mesmo praticou-se com algumas *Revistas* de outros Estados e da Capital Federal, as quaes pontualmente recebemos.

*
* *

BIBLIOTHECA

Apezar de pequena ainda, vae crescendo animadõramente o numero de volumes da nossa incipiente Bibliotheca. Mas uma vez esta Secretaria invoca a vossa valiosa contribuição para o desenvolvimento della.

*
* *

MEDALHAS E MOEDAS

Os nossos mostruarios contam já numero crescido de moedas antigas de prata, nickel, bronze, ferro e cobre.

Tambem ostentam medalhas raras e curiosas.

*
* *

FRANQUIA POSTAL

Esta Secretaria officiou aos representantes deste Estado na Camara e Senado Federaes, pe-

dindo-lhes obtivessem do Governo da União franquia postal para a correspondencia do *Instituto*.

O Deputado Antonio Dias Rollemberg já communicou ao Presidente deste Estado, que, com os seus collegas, providenciando se acha respeito,

*
* *

Eis, pois, presados consocios as licas informações que tenho a ministrar-vos sobre os trabalhos e aspirações da Secretaria a meu cargo.

Recêbei-as, com as minhas mais respeitadas saudações.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, aos 15 de Agosto de 1917.

O 1.^o SECRETARIO,

Lutz José da Costa Filho

